



Relação Mãe-filha, Feminilidade e Gravidez

Brasília
Novembro, 2003.

Janaína França Fernandes da Costa

Relação Mãe-filha, Feminilidade e Gravidez

Trabalho de Monografia como pré-requisito
para o título de psicólogo do UniCeub- FCS
sob orientação do professor González Rey.

Brasília, novembro de 2003

Sumário

1. Introdução.....	05
2. Desenvolvimento.....	07
2.1. Capítulo 01.....	07
<u>Algumas Considerações sobre a Psicologia da Gestação</u>	
2.2. Capítulo 02.....	11
<u>A Construção do Feminino na Relação Mãe-Filha</u>	
3. Método.....	29
4. Discussão.....	37
5. Conclusão.....	63
6. Referências Bibliográficas.....	67

Resumo

O trabalho tem como tema as transformações da relação mãe-filha no contexto da gestação bem como suas implicações na construção da identidade feminina. O tema será desenvolvido teoricamente em dois capítulos: Algumas Considerações sobre a Gestação e A Construção do Feminino na Relação Mãe-Filha. A partir da sobreposição destes dois temas, será construída uma pesquisa qualitativa. A metodologia consistirá em entrevistas abertas com gestantes e mulheres no pós-parto inicial (até quatro meses após o parto), sendo que apenas uma delas será analisada posteriormente. Após este momento empírico poder-se-á então levantar algumas generalidades das transformações que este momento da gravidez afeta na relação mãe e filha e, conseqüentemente, na construção da identidade da mulher do ponto de vista da gestante.

Introdução

Procuro, no presente trabalho, estudar como as alterações emocionais da gravidez marcam a vida psicológica da mulher na especificidade da relação mãe e filha (gestante). Minha hipótese é que a gravidez se constitui como momento de possibilidade para reinvenção das tão importantes dinâmicas de afeto com a mãe.

Uma vez que as questões da gravidez tomam proporção significativa na vida da mulher e, tento estas questões tanto efeitos psicológicos estruturantes quanto desestruturantes para a futura mãe e seu bebê, torna-se necessário um estudo que contemple aspectos chave deste momento inicial do processo da maternidade. Existe uma carência de referências na literatura psicológica a respeito na gestação e uma carência ainda maior sobre a relação mãe e filha. Até onde pude pesquisar não há nada que fale sobre estes dois temas em conjunto. Assim, pretendo sobrepor estes dois temas de forma que possa levantar, mesmo que de forma inicial, algumas generalidades das transformações que o momento da gravidez traz a relação mãe e filha e como esta relação tem privilegiada importância na construção da identidade feminina.

Para isto, inicialmente, levantarei uma fundamentação teórica dividida em duas partes. Na primeira, abordarei aspectos relevantes do tema da gravidez, privilegiando o conceito de “transparência psíquica” proposta por Bydlowski (2002) e traçando as semelhanças conflituais deste período com o momento da adolescência de acordo com a teoria pela psicanálise. Na segunda parte, aprofundarei a discussão da relação mãe-filha a partir da construção da identidade sexual feminina proposta pela psicanálise de Freud e Lacan trazida por Malvine Zalcberg (2003).

Terei como premissa a idéia de que, apesar de serem já conhecidas algumas das alterações serem características do momento da gravidez, cada gestante experiencia tais ocorrências de acordo com sua subjetividade a partir de uma trajetória de vida singular. Tornando o desfecho deste processo diverso. Assim, num momento posterior, terei como estratégia metodológica a pesquisa qualitativa para qual farei entrevistas abertas com mulheres gestantes e no pós-parto. Todas elas pertencem a um grupo de preparação para o parto e

acompanhamento do pós-parto no contexto de aulas de yoga. Estas mulheres são residentes em Brasília -plano piloto-, com grau de instrução, pelo menos, de nível superior e pertencentes a classe média. Será analisada apenas uma das entrevistas, sendo esta a que melhor ilustra as transformações estudadas. Proponho uma reflexão de como foi o percurso dessa experiência e de como esta ela encontrou frutos do ponto de vista terapêutico.

Desenvolvimento

Capítulo 1- Algumas Considerações sobre a Gestação: o conceito de transparência psíquica

A gravidez é um período de grandes adaptações para a mulher. Estas permeiam todas as esferas da vida. São adaptações físicas, emocionais, existenciais, sexuais e relacionais. Minha hipótese é que, do ponto de vista psicológico, este período, traz para a mulher, dependendo da forma como é experienciada, uma grande oportunidade para reflexão e resolução de conflitos.

Nesta fase, as alterações emocionais são frequentes e intensas. Tais alterações tem como fundo a revivência, por meio de reedições de eventos passados, sobretudo infantis, pela gestante. Para a psicanálise, o inconsciente se encontra, neste processo, particularmente “aberto” (vulnerável, suscetível). Os conflitos recalçados permeiam a consciência e são experienciados por meio de sonhos, afasias, lembranças e emoções, atribuindo à gravidez uma tão comum sensibilidade emocional.

Outras características presentes neste momento são: a ambivalência de sentimentos e idéias, principalmente no que se refere ao novo papel materno e seus prazeres e desprazeres; a regressão experienciada pela mãe como forma de identificação com os desejos e necessidades do futuro bebê e a potencialização destas emoções.

Segundo Szejer, em contraparte ao um discurso social idealizante do momento da gravidez, o que se mostra mais real é um violenta experiência: prazerosa ou não; angustiante ou cheia de entusiasmo. A imagem de uma mulher grávida maravilhosa e as atenções concertadas no bebê que está por chegar deixa pouco espaço para uma escuta à gestante.

Ao fazer o levantamento bibliográfico, percebi que o tema gravidez tem sido privilegiado, se não abordado quase exclusivamente pela Psicanálise. Uma atual e importante referência da Psicologia Familiar, a coletânea de Carter e McGoldrick (1995), apresenta apenas poucos parágrafos sobre gravidez, mesmo assim relacionados à adolescência, em uma obra cujo objetivo é abordar as transformações da vida familiar. Subentende-se que a gravidez não foi vista como elemento crucialmente transformador da família.

Monique Bydlowski (2002) apresenta uma nova conceitualização que define melhor o momento da gravidez como crucial na vida da mulher: a noção de transparência psíquica.

A importância do estudo da psicologia da gestante, segundo a autora, é fundamental para a prevenção de projeções negativas feitas pela nova mãe para com o novo bebê. Tais projeções podem ser de grande risco à integridade emocional de ambos, em especial a da criança.

A autores como Cramer (in Bydlowski, 2002) já haviam notado que a experiência da gravidez tinha semelhanças à da adolescência. A cada nova etapa de transformações corporais que o sujeito passa, este deve cumprir certas “tarefas” do ponto de vista emocional. De sua execução depende o cumprimento da etapa seguinte. Ambos os períodos são permeados por muito conflitos que envolvem lembranças e reformulações de vivências de eventos passados. Enquanto na adolescência a “tarefa” a ser cumprida da posição infantil e progressiva entrada no mundo adulto, na primeira gestação é a mudança de geração que se apresenta como iminente e irreversível.

Winnicott (in Bydlowski, 2002) foi um dos primeiros estudiosos que notaram uma mudança particular na psiquê das mulheres no pós-parto. A preocupação materna atinge um nível intenso após o nascimento do bebê. Essa preocupação excessiva poderia caracterizar em outra situação, uma patologia mental. Cramer, D.Stern e Lebovici (Bydlowski, 2002) mostraram que existe entre a mãe e o bebê “interações fantasmáticas” nas quais a mãe, projetando seus conflitos psíquicos, produz uma reação no lactante. Surgem daí novos estudos, tanto no que diz respeito às alterações intrapsíquicas da mãe, quanto no que diz respeito à intersubjetivação entre mãe-bebê.

Segundo Bydlowski (2002), nas primeiras semanas de gravidez já é notável uma “transparência psíquica” na mulher. O equilíbrio emocional habitual encontra-se abalado. A gestante começa a estabelecer, sem obstáculos, uma relação entre a gestação atual e as lembranças de seu passado. É característico também, um retraimento do mundo externo. E aquelas atividades que eram tão importantes passam a ter menos apelo, como por exemplo, as atividades profissionais, ou

mesmo as relações afetivas. O retorno de conteúdos passados, por vezes, vem em forma de idéias, imagens e pensamentos que não encontram respaldo na razão. Outras vezes, o retorno vem sobre forma pura de uma emoção dolorosa ou de tristeza irracional.

Recomendo, no entanto, não generalizar tais intecorrências da gestação, mesmo que sejam comuns. O retraimento do mundo externo experienciado pelas gestantes, assim como com relação a outras características do momento gestacional, depende de como se configuram as dinâmicas relacionais presentes e da história particular de cada gestante. Ao invés de se retrair, uma outra saída possível é o investimento nas atividades profissionais, por exemplo, como forma de proteger-se das modificações advindas da gestação.

Percebo que, neste momento, grandes equívocos podem ser cometidos pelo profissional de saúde, tal qual no contexto da adolescência. Léo Levisky (1998) ao elucidar as transformações da adolescência alerta para as alterações emocionais que nesta fase tem caráter transitório. Elas são marcas do processo evolutivo, dos fenômenos que compõe a história do adolescente e das vicissitudes na dinâmica familiar.

O desinvestimento feito pela gestante das atividades que antes lhe proporcionavam prazer, citado acima, podem encontrar um diagnóstico direto de *Episódio Depressivo Maior*. Justamente, segundo o DSM-IV, um dos critérios que cumprem este diagnóstico é perda de interesse ou prazer nas atividades, se comparado ao funcionamento da mulher anterior ao momento da gestação. No entanto, conforme indicado pela literatura, até certo ponto as alterações encontradas neste período são normais. Isto também acarreta outra problemática: a necessidade de uma reflexão mais cuidadosa sobre o diagnóstico.

Além disso, o tipo de terapia prestado à gestante deve ser diferenciado, pois, como há uma “transparência psíquica”, os conteúdos antigos afloram, as defesas abaixam e conseqüentemente a consciência encontra-se alterada. A forma em que se dá o trabalho terapêutico, os processos de transferência e contratransferência são qualitativamente diferentes daqueles encontrados em outra situação.

Outra especificidade do “psiquismo grávido” a a forma como o foco da gestante se encontra. Na maioria das vezes, a gestante se desconcentra do bebê que carrega em seu ventre e canaliza sua atenção, de forma nostálgica, sobre seu passado como criança. Representações sobre a criança que chegará tem espaço restrito, não raramente, nulo. Para aquelas mulheres que resguardam um espaço para tais representações, estas são matidas em segredo. Terapeuticamente, Bydlowski (2002) mostra que dar voz à infância da gestante auxilia ela revigorar a criança que carrega. Sendo assim, cabe ao profissional de saúde atualizar novas formas de intervenção terapêutica.

Capítulo 2- A Construção do Feminino na Relação Mãe-Filha

A especificidade da relação mãe e filha não é um tema muito tratado na psicologia. De forma geral, o caminho que conduz a mulher à formação de sua

identidade foi visto como um mistério para os psicanalistas. Malivine Zalcberg publicou, neste ano (2003), um trabalho que fundamenta e discute este percurso da mulher; mostrando como a figura da mãe é mais crucial na vida da menina que para a vida do menino.

Segundo Zalcberg (2003:15), para o menino a entrada do pai na relação mãe e filho é, em princípio, resolutive do Édipo, pois marca a separação de tal relação. No caso da menina, a entrada do pai não é suficiente para que ela se separe de sua mãe, uma vez que a filha deve, à saída do Édipo, continuar a procurar uma identificação feminina junto à mãe.

Freud, inicialmente, não considerou de muita importância a presença da mãe no destino da mulher. Como suas primeiras pacientes sofriam de histeria e como para elas a figura do pai tinha fortes conteúdos afetivos, Freud privilegiou o pai, mais do que a mãe, na vida de uma menina. Esta importância só começou a existir com o desenvolvimento da teoria da sexualidade feminina, quando a mãe começou a ser ponto crucial. Em seu artigo *A Sexualidade Feminina*, 1931, diz não ser possível compreender uma mulher, a não ser analisando sua relação com a mãe.

Zalcberg (2003:24,25) mostra que, para Freud, o entendimento da sexualidade feminina era um mistério. Ele se perguntava, apesar de todos seus estudos - O que quer a mulher? Nos *Três Ensaíos*, Freud percebe que a menina não é menina desde o início. O caminho para tornar-se mulher, ou seja, ser feminina, é trabalhoso e contínuo. No percurso da sua teorização a respeito da sexualidade feminina explica que, inicialmente, tanto o menino quanto a menina é um falo na constituição da relação com a mãe. Desta forma, o desejo de ter um bebê seria, para a mãe, a possibilidade de obter um falo que lhe falta, uma vez que não há um significante substituto específico para a sexualidade feminina como há para o homem o Falo. Ainda para Freud (in Zalcberg, 2003:26), esta diferença, que se estabelece nos sexos com relação ao falo, repercute na maneira pela qual a mãe se relaciona com o bebê.

É nesta necessidade da mãe de encontrar um substituto para o falo que a criança encontrará seu lugar inicial de realização. “Ela encontra uma primeira

forma, por rudimentar que seja, de *ser*: *ser* o que satisfaz a mãe” (Zalcborg, 2003, p. 27). Nesta posição é que tanto a menina quanto o menino dirigem para a mãe sua libido.

Na primeira formulação freudiana, a transformação da menina em mulher dependia que ela renunciasse a sexualidade ativa para uma sexualidade passiva. Aos poucos, Freud reconhece que tal mudança é uma reorganização da libido que continha basicamente duas dificuldades: por um lado, este recalque da investida sexual ativa, se completo, poderia levar a um “afastamento geral da sexualidade”; por outro lado, ao voltar-se para o pai a renúncia da sexualidade ativa para uma passiva deveria ser parcial, já que a menina havia de fazer uma investida ao pai.

A saída de investimentos libidinais à mãe não seria só para que a garota se voltasse para o pai, mas, como principal motivo, o afastamento da mãe. Esta passagem, para Zalcborg (2003:29), nem sempre se realiza. Assim conclui-se que, a ligação edípica da menina ao pai é secundária, antecedida pela relação com a mãe na fase pré-edípica, e que, esta relação primária determina, em larga medida, ao futuro da mulher. Embora o complexo de Édipo seja estruturante para a menina, o pai não pode fornecer identificação especificamente feminina, apenas masculina.

Freud (1925) Apud Zalcborg (2003) quando retoma o Édipo feminino, apresenta três vias de resolução do Édipo a partir da demanda que a menina dirige ao pai. A primeira seria a menina aceitar a não possibilidade do pai satisfazer a demanda, conseqüentemente, aceitar sua falta. Para o autor, esta seria a verdadeira saída para a feminilidade. A segunda via remete à esperança de, de alguma forma, conseguir um pênis, igualando-se, assim, ao homem. O desejo seria “eu não quero ser mulher”. E a última via seria uma reação da mulher que gradua-se numa recusa “eu não quero ser mulher”, para uma renegação “uma mulher num corpo de homem”, ou seja, acredita possuir um pênis e se vê compelida a se comportar como um homem.

O caminho para o desenvolvimento da feminilidade da menina, quando esta se volta para o pai, só é possível se a relação com a mãe não está muito

comprometida. Como Freud mesmo constatou, o principal conflito da mulher é sua necessidade de se separar da mãe. Sendo assim, quanto mais intenso for o vínculo de amor, maior a dificuldade de separação e de estabelecimento da identidade feminina. Esta relação passa a ter todos os traços de uma relação passional que, em muitos casos, não encontra a saída a não ser na ruptura.

Zalberg (2003) após a exposição do pensamento freudiano à respeito da formação da sexualidade feminina, descreve como Lacan ampliou e entendeu esta temática. Segue-se, então, tal descrição.

A relação mãe e filha é construída por meio de duas operações: alienação e separação. A primeira operação mostra como a criança, ao nascer, encontra-se numa posição completamente submissa e dependente da significação e do desejo do mundo materno. Esta primeira fase deve ser seguida da segunda operação: a separação. Nesta, o encargo de romper a supremacia materna e possibilitar à criança outras formas de significação do mundo, torna-se central.

Inicialmente a criança depende da mãe para que esta satisfaça todas as suas necessidades, evitando, ao máximo, tensão no aparelho psíquico. Freud nomeou tal condição de *desamparo*. A primeira experiência de prazer vivenciada pelo bebê se inscreve de forma bruta, pois a criança não possui nenhum significado a não ser aquele que sua mãe atribuiu. Tal satisfação inaugural deixa traços na forma pela qual a criança passa a desejar ver re-atualizada esta experiência de prazer. Para que isto aconteça o bebê começa a procurar formas de estabelecer contato e de comunicar o que deseja. Começa por fazer no registro da linguagem.

Neste momento de constatação de uma perda é que se instaura um corte na vida da criança entre o registro da necessidade e a demanda. A necessidade que é sempre inscrita no desejo pode, em princípio ser atendida. A demanda, por sua vez, não pode nunca ser totalmente atendida, pois não se trata de uma demanda de objeto, mas sim de uma demanda de amor. A impossibilidade de satisfação da demanda, ou seja, a falta, estrutura profundamente o inconsciente do ser humano. A demanda não satisfeita deve abrir espaço para o desejo. Desta forma, entende-se que a permanência da demanda da mulher à sua mãe faz com

que a primeira oculte o acesso ao desejo. Por isso diz-se que a falta é estruturante para a criança, por que ela causa o desejo.

Interessante então perceber que essa formulação concebe o ser humano como sujeito da falta por definição. Talvez caberia uma desconfiança da universalidade do modelo. Não seria possível imaginar uma teoria do sujeito baseada na plenitude e não na falta?

Para Lacan, ainda de acordo com a leitura da autora, a mãe é o Outro que funda a existência da criança. Um dos motivos pelos quais isto ocorre se refere ao poder que mãe adquire ao atender as necessidades da criança. Este poder é vivenciado pela criança como uma potência de se dar a vida, mas também de se dar a morte; chamada *onipotência materna*. Tal poder deverá ser regulado por um terceiro, a função mediadora do pai.

O significante inicial fornecido pela mãe tem prioridade sobre todos os outros que vem depois. O pai entra nesta relação como o sujeito que dirá à criança qual o significado (S2) do significante da mãe (S1). Entende-se aqui o significante materno como o desejo da mãe. Esta entrada do pai liberta a criança da alienação absoluta do desejo da mãe. No entanto, o significante inicial (S1) determina uma divisão fundamental na psique da criança: uma parte dela permanecerá desconhecida. O sujeito torna-se, diz Lacan, *falta-a-ser*. Desta substituição do S2 pelo S1 seguem-se outras substituições com o objetivo de afastar a criança da mãe.

Para a mulher ser falta-a-ser é mais comprometedor, pois ela é mais cativa que o homem de um referência para seu ser que a denomine como mulher, *além da falta-a-ser de uma constituição de sujeito*, assim como no caso do menino. "...a mulher deve criar-se uma identidade feminina" (Zalberg, 2003, p. 69).

Enquanto o pai não entra nessa relação, a criança torna-se o desejo da mãe, ou seja, ela procura ser o objeto que a mãe deseja, pois é nele que encontra sua existência. Ao entrar na relação, o pai nomeia para a criança o desejo materno: o falo. A partir de então, ocorre a libertação de ser o desejo da mãe, mas por um outro lado, também confronta a criança com a perda de ser o objeto de desejo, o falo. Sua existência tem sentido nesta substituição. A demanda da

criança à mãe não é só de amor , mas também de uma resposta para sua existência. O que, no caso da menina, se agrava pois é também ao lado da mãe que procurará uma resposta para sua identidade sexual.

Na discussão feita por Stuart Hall (1997:42), sobre como o conceito de Identidade foi construído ao longo do tempo, ao situar tal conceito no âmbito da psicanálise, mostra que a identidade é entendida como algo processual, formada ao longo do tempo. Não é inata e, portanto, não é acabada. Assim, ao invés de utilizar a categoria identidade, o autor opta por identificação, já que esta última sugere algo em andamento. Em outro texto *Quem Precisa da Identidade?*, Hall (2000) defini o termo identificação como um processo de articulação, suturação, sobredeterminação e não de subjunção. Algo que nunca pode ser completamente determinado, que sempre pode ser “ganho” ou “perdido”, sustentado ou abandonado.

Conseqüentemente, tanto a resolução da identidade feminina quanto a resolução da identidade masculina não seriam nunca um dado finalizado. O sujeito na psicanálise é um sujeito dividido pelo aspectos-chave da formação do inconsciente, mas que se imagina inteiro, possuidor de uma identidade unificada que se constrói a partir da imaginação de como o outro nos vê.

Zalcborg (2003:68) coloca ainda que, de acordo com a teoria Lacaniana, a diferença na anatomia dos sexos inicia a construção da identidade sexual, mas o que realmente determina a forma pela qual o homem e a mulher se posicionam do lado masculino ou feminino é a maneira que ambos se submetem ao falo, entendido aqui como o significante de desejo.

Em suma, no momento em que o pai entra na relação mãe-criança, outro significante (S2) é trazido em substituição aquele fornecido pela mãe (S1) e que deu origem ao inconsciente. Significante S1 diz à criança quem ela é, mas não é apreensível, pois nem todo ele está no campo do simbólico. A existência do sujeito é constituída por esta substituição e por outras que surgem no decorrer na vida. Por isto o sujeito, após a entrada da metáfora paterna, é um sujeito fragmentado pois, ao mesmo tempo que torna-se sujeito, também é efeito do significante. Sua

identidade está em permanente construção nas substituições de significantes inaugurada pela substituição do significante primordial.

Zalberg (2003:69), ainda ao se referir à teoria lacaniana, diz que esta parte do desejo da mãe que permanece no campo real, que não encontra espaço no simbólico, mesmo com a entrada do pai, é denominada objeto (*a*). Quando a criança entra em contato com o objeto (*a*) ela entra em contato com a falta da mãe. Constata que não pode ser o desejo da mãe e, se não pode ser o desejo da mãe então se questiona: é o quê?

A mulher encontrará maiores problemas em aceitar a falta materna. Procurará manter a existência no Outro pois é com ele que permanece na esperança de encontrar um resposta para sua própria falta como mulher. Perder a mãe torna-se arriscado. A autora adverte que a mulher deve desenvolver formas de preservar o lugar da falta, mesmo que isto seja quase insuportável. Sem a falta ela não acesso ao seus desejos. A distanciação da mãe é importante para a preservação do espaço da demanda, de onde emerge o desejo. Uma das saídas da necessidade da filha de encontrar um lugar no desejo da mãe - dando-lhe algo - pode manifestar-se quando ela torna-se mãe. A menina à saída do Édipo procura não só no pai, mas também junto a mãe uma significante de seu sexo. A penosa tarefa da menina é descobrir que sua mãe não pode lhe indicar um signo claro da representação da menina porque ele inexistente.

Abro um pequeno parênteses para reflexão deste pressuposto. Penso que uma crítica a fazer às teorias psicanalíticas é de que o masculino se define pelo falo e o feminino, em certo sentido, por sua falta. É compreensível pensar que a diferença anatômica dos sexos crie representações na constituição da identidade sexual e que possa ser até definida pela não presença de um falo na mulher. Mas é um tanto falocêntrico acreditar que não há nada no próprio feminino que possa servir para representá-lo. Não é questionável definir a mulher como aquela que não tem? Isto remete à estratégia européia no sec. XVI ao classificar os povos indígenas, erroneamente, como “sem lei, sem Deus e sem rei”, isto é, pelas ausências imaginadas e não pelo conteúdo substantivo do que são estes povos.¹

¹ Agradeço ao Antropólogo José Bizerril por esta referência.

Para representar este questionamento cito o comentário de um menino que foi meu paciente durante o estágio em Psicanálise Infantil. Em uma sessão, o paciente definiu a diferença entre os sexos da seguinte forma: “as meninas têm peito, os meninos, não”. Ou seja, definiu o homem pela falta e não pela posse, contrariamente a Freud.

Voltando à discussão feita pela autora, para a mãe, também é importante a proximidade com a criança. Lacan retoma a ideia freudiana que a mãe busca na criança uma compensação para sua falta como mulher. Diz Zalcberg (2003:95) que o corte simbólico que se instaura na entrada do pai tem duplo sentido: não permitir que a mãe faça da criança um representante simbólico para sua falta como mulher e impedir a criança de ser o desejo materno. Por um outro lado, o pai deve ser presente na fala da mãe. Deve ser preservado um lugar para o pai na configuração familiar, ou seja, é necessário ter as condições que permitem que o pai estabeleça a lei para seus filhos.² A saúde da criança dependerá também da relação do pai com a lei.

Noto que na teoria psicanalítica o pai tem função privilegiada. É ele quem promove a saúde em última instância. Não se fala que o pai também deva estabelecer com a criança uma relação estreita de afeto, o que se considera como uma responsabilidade da mãe. Além disso, coloca-se nas mãos da mulher mais uma responsabilidade: a de “permitir” a entrada do pai na relação. Esta proposição dá margem a equívocos. Entende-se que, quando o pai não consegue desempenhar sua função, é porque a mãe não o fez acontecer.

Badinter (1980), mostra em seu livro cujo o tema e título é o mito do amor materno, que, no discurso psicanalítico a mãe é vista como personagem central. Pesa, desta forma, sobre a mãe/a mulher a culpa em casos que há ineficiência paterna. Embora na teoria psicanalítica não haja afirmação de que a mãe é a única responsável pelo inconsciente do filho, não deixa de ser verdade que ela é considerada causa quase que imediata, senão primeira, do equilíbrio psíquico da criança e de seu futuro subjetivo. Ela já fora denominada uma vez como a mãe

² Ao falar-se de pai trata-se de uma lei simbólica estabelecida na função que ela deve exercer na relação mãe-criança. Zalcberg (2003).

má. Apesar de não se pretender uma conotação moral, em casos de comprometimentos emocionais da criança, apressa-se em levantar hipóteses sobre esta mãe tida, ao mesmo tempo, como “malvada” e “doente”.

Sem desconsiderar a importância da figura materna e da teoria psicanalítica quanto à relação mãe-bebê, é necessário colocar em discussão as recentes mudanças culturais referentes tanto à estrutura familiar e às identidades de gênero, quanto à comum terceirização dos cuidados do bebê.

Não vi registro na teoria freudiana e lacaniana descrito pela autora Zalberg (2003) sobre a necessidade, hoje já reconhecida na literatura sobre psicologia perinatal, de o pai ser um aliado fundamental para que mãe e bebê concretizem a maternagem. Como também questionamentos sobre a única possibilidade de entrada paterna a partir da mãe.

Há também problemas, nesta teoria, quanto à categorização do momento em que se dá a entrada do pai, como se ele só fosse visível ao filho no momento edípico. O pai é entendido como um sujeito externalizado da relação da qual ele pode fazer parte. Tal visão não condiz com o momento histórico atual, em que as definições de papéis sexuais passam por uma revisão. As mulheres começam a exercer o papel de provedoras e os homens se voltam, também, para preocupações familiares. Chodorow (1990) argumenta que a organização social do cuidado dos filhos pode produzir desigualdade entre os sexos e não somente a diferenciação destes papéis.

Na discussão feita por Zalberg (2003), Lacan, sugere que a construção de uma teoria que explicasse identidade sexual feminina teria que ir mais além da articulação falo-castração, suficiente para explicar o Édipo masculino. Para isto, o autor teria que ir mais-além do falo. Não desconsiderando o mesmo, mas tê-lo como referência para se conceitualizar o mais além dele.

A metáfora paterna não resolve o Édipo feminino como soluciona o Édipo masculino. Ela se mostra inoperante para a menina, pois, apesar de dar o significante do desejo do Outro que a aliena, carece em dar um significante que a defina como mulher. A metáfora paterna deixa, assim, um resto.

A mulher fica sem uma cobertura simbólica, afirma Zalcberg (2003). Ficar sem uma cobertura simbólica não significa ficar totalmente fora do simbólico. A mulher fica no mais-além das palavras, o que resulta ela *ser* tanto quanto não *ser* sujeito.³

Para ir mais além do falo, Lacan propõe três conceitos fundamentais: gozo, objeto (*a*) e *real*. Ambos são de difícil compreensão, já que fogem das palavras:

“Neste registro mais além do alcance das palavras é onde se encontra tudo que há de particular na sexualidade feminina, o que explica porque a relação mãe-filha guarda seu caráter especial: sendo ambas mulheres, mergulham profundamente suas raízes no campo mais além do que as palavras podem recobrir” (Zalcberg, 2003, p. 119).

Zalcberg analisa que a conversão histérica se confronta com o temor de ver seu corpo aparecer como *real*, fora do campo simbólico.

No espaço vazio onde fica o resto do processo de simbolização, deixado pela metáfora paterna, surge o objeto (*a*). O objeto (*a*) é aquele que “cai” no processo de separação do outro. Lacan (*in* Zalcberg, 2003), descreveu tal objeto como uma inscrição limítrofe das zonas erógenas, como por exemplo, mamilo (objeto de sucção), jato de urina, fezes (objeto da excreção) e, posteriormente, olhar e voz (objetos do desejo). São, portanto, objetos parciais destacáveis do corpo. Situam-se fora da cobertura do simbólico e, por ficar de fora, tendo como denominador comum o nada, são objetos causadores do desejo. A mulher fica mais próxima do objeto (*a*).

Para o desenvolvimento da teoria da sexualidade feminina, Lacan (*idem*) começa a abordar a castração sob a perspectiva do conceito de gozo, não mais somente à luz dos significantes. Como o processo de castração inaugura o sujeito na linguagem, faz com que homem e mulher percam um certo gozo, o gozo do ser, um gozo ilimitado. Tal perda proporciona ao sujeito atingir o desejo a partir de um gozo permitido, limitado, que é o gozo sexual.

³ Sujeito na teoria Lacaniana pode ser definido como a representação da troca de um significante por outro significante. Lacan (*in* Zalcberg, 2003) comenta a respeito da construção de sujeito na mulher. Ela está “entre ausência e pura sensibilidade”, lugar onde o homem a procura em vão.

O sujeito procurará alcançar, para sempre, na fantasia, algo do gozo ilimitado que foi perdido no processo de castração. A entrada do sujeito na fala dualiza o inconsciente do consciente, o sujeito do objeto. A via de satisfação do sujeito, causada pelo objeto (*a*), depende, agora, de um objeto específico a que se investir. O objeto (*a*) que é a causa do desejo, significa, na fantasia, a tentativa de recuperação de gozo. Lacan denomina, então, o objeto (*a*) como “objeto-mais-de-gozar”. Ainda segundo o autor, o gozo feminino se diferencia do masculino, uma vez que a mulher está no mais além do simbólico, o seu gozo é mais amplo que o masculino. Ele denuncia a impotência da psicanálise para esclarecer em que consiste o gozo feminino, procurando uma explicação que saísse da perspectiva que reduz a sexualidade feminina à oposição clitóris-vagina. Chegará, então, à conclusão, em seu texto sobre a sexualidade da mulher, que o gozo dela não pode ser dito.

Considero que o “continente negro da sexualidade”, como o definiu uma vez Freud, mostra uma ótica machista e etnocêntrica a respeito da mulher. Machista por tratá-la como algo incompreensível e etnocêntrica pela infeliz metáfora com a África, como aquele lugar distante, selvagem e primitivo.

Zalberg (2003) diz que, a respeito do gozo, as mulheres nada podem dizer e nada sabem. Além de que apenas algumas o experimentam. Trata-se de um gozo extra-fálico, impensável e não representável. Lacan denomina tal gozo como *suplementar*, porque a mulher tem acesso a um gozo a mais que o homem, mais além que aquele sexual (fálico). Ao homem resta apenas o gozo do órgão; para a mulher, a experiência do gozo sexual é mais além dele, já que escapa de qualquer localização. Lacan conclui quanto à questão da sexualidade feminina que a formação da identificação sexual se constrói na diferença dos gozos e das posições quanto à ordem fálica.

No meu ponto de vista, a definição do gozo feminino como “mais amplo” e do gozo masculino como meramente fálico/genital fala de uma construção teórica limitante e ditadora do que é ser homem ou mulher. A generalização de tal proposição impede que o homem possa experimentar um gozo além daquele sexual, fálico e a mulher de experimentar um gozo genital. No ambiente urbano

contemporâneo, a entrada de diversas técnicas sexuais provenientes das tradições tântrica e taoísta permite ao sujeito moderno ocidental novas experiências de gozo, menos genitalizadas. Isso é um indício de que em outros contextos culturais são produzidas outras experiências de gozo, sem que isso inviabilize a construção de uma identidade masculina ou feminina. Tudo indica que o modelo de Lacan corresponde à construção de uma identidade sexual de acordo com uma referência patriarcal, característica do contexto histórico-cultural de constituição da teoria psicanalítica.

O texto de Zalcberg (2003), aborda ainda, o significado que a criança tem para a fantasia materna. O resto deixado pela entrada da metáfora paterna na relação mãe e filha permite, à mulher, que esta procure um referente para sua identidade na relação com um homem ou com outra mulher. Também entra em jogo a busca de uma compensação para a sua falta-a-ser numa criança.

Isto é facilitado, pois a criança é tomada com um substituto fálico. Isto é muito favorecido uma vez que a criança se identifica com o suposto objeto desejo da mãe que é o falo. A castração sofrida pela criança na entrada do pai, também é, para a mãe, a não mais possibilidade de tomar a criança como objeto de gozo na fantasia,. Recorrer ao objeto da fantasia seria uma tentativa burlar a falta de gozo imposta pela sua própria vivência de castração.

Para isto a mulher uma oportunidade a mais que o homem: a possibilidade de gerar a filhos, objeto (*a*), objeto causa do desejo. A criança traz à mãe o contato, não só com a experiência de ser mãe, mas também desperta a mulher, a mulher em falta. Isto implica que a criança passa a se relacionar tanto com a mãe quanto com a mulher existindo nela.

Zalberg (2003) alerta que a criança, que é tomada pelo Outro materno como objeto (*a*), possibilidade de suplementação do gozo na fantasia, ao tornar-se sujeito permanece com a questão: “Meu gozo me pertence ou ele é consagrado ao gozo do outro?” Lacan (in Zalberg, 2003).

O futuro da criança passa a depender da entrada do pai para regular a fantasia materna que considera a criança objeto de gozo. A questão se torna

problemática se a criança passa não ser mais nada além de ser objeto de gozo da mãe.

A menina mais que o menino, afirma a autora, teria temor em permanecer neste jogo de submissão com a mãe. Pois a menina tem maior proximidade com o *real* e, em sua relação com o homem, ocupa justamente a posição que ele lhe destina em sua fantasia: objeto (*a*). É necessária a desvencilhação da intensa relação materna para que a menina passe a ser um sujeito que deseja e que eleja um outro Outro simbólico como lugar onde o gozo possa ser reinstaurado. “Quanto menos separada da mãe for a criança, tanto mais, depois, como mulher ou como homem, sente-se sem consistência própria e tanto mais temerá o risco de o Outro submetê-lo novamente a seus desígnos” (Zalcborg, 2003, p. 135).

No entanto, esta relação inicial é estruturante e imprescindível para a criança. Nesta, criança e mãe tem a oportunidade de viver momentos prazerosos e satisfatórios para ambas. Tais momentos tem uma grande importância no bojo das questões subjetivas que estarão presentes durante toda a vida do sujeito.

Um objeto (*a*), descrito por Lacan (in Zalcborg, 2003), é o olhar, que junto à voz são objetos do desejo. Na relação mãe e criança o olhar se destaca. A mãe acolhe e olha para a criança. É no olhar da mãe, olhar que precede ao da criança, que esta se revela como objeto de desejo.

A perda deste olhar implica na primeira separação com a mãe que dá origem ao objeto (*a*) na fantasia da criança. A criança que era passivamente olhada agora, ativamente, que ser olhada. Daí ela ganha, pela primeira vez, estatuto de sujeito.

A filha terá uma maior propensão de ficar suspensa no olhar do outro. Isto porque, do registro da satisfação materna para com ela, dependerão outros fatores de elaboração da sua feminilidade. “É no olhar da mãe que a menina retira o que ela precisa para constituir sua feminilidade, que passa por este suporte identificatório no nível do olhar do outro”. (Zalcborg, 2003, p. 139).

O olhar materno deverá conter para a criança, o indicativo da falta da mãe, advindo do seu próprio processo de castração. Se o olhar da mãe ignora a falta

que lhe é aderida, então a menina, terá grande dificuldade de renunciar sua existência de ser o objeto maravilhoso de desejo que satisfaria o olhar do Outro.

Por meio da resolução da dominação da sexualidade da mãe que a filha estabelecerá uma constituição de uma identificação feminina. Zalcberg, (2003), sustenta que é para a mãe que a menina deve voltar-se, na medida que ambas estão no campo mais-além do falo: o campo da especificidade feminina. As garotas se envolvem desde cedo na sexualidade da mãe e esta, através da filha, experimenta formas da sua sexualidade.

“É um caminho que toda filha deve percorrer enquanto mulher: ter acesso a prazeres sexuais diferentes dos que a prendiam à sua mãe”. (Zalcberg, 2003, p. 146). A filha que depende tão intensamente de sua mãe tem dificuldade em privar a mãe do prazer que lhe proporciona; fato que também proporciona prazer. Tal dependência pode atrapalhar enormemente a vida sexual da filha em relação a novos parceiros amorosos como, também, passar a não desejar, ela própria, procriar.

Neste momento podemos entender também que o desejo ou o ato de se ter um filho, pode ser uma tentativa de separação entre filha-mãe.

Ao observar-se a relação mãe-filha, a autora sugere que o primeiro fator a ser analisado é o de que ambas compartilham o corpo feminino; o qual, em parte, fica sem simbolização. Esta identificação associada a uma dependência mútua propicia uma forma indistinção frequentemente constatada em ambas. Correlação a esta confluência de corpos, Szejer (2002) nos fala sobre corpo grávido. É comum mulheres que, angustiadas pelo fato de ocorrerem as transformações em seus corpos grávidos, o escondam, pelo menos durante os primeiros meses nos quais o corpo ainda conserva algum grau de semelhança com o corpo não grávido. No que tange a relação mãe-filha este “esconder” do corpo frequentemente é efeito de uma imagem que a mulher tem de sua própria mãe.

A semelhança de corpos pode causar confusão de quando se começa um corpo e quando se termina outro. Isto se reflete de diferentes formas nas dinâmicas relacionais. Por exemplo, quando a mãe fica como guardiã da virgindade da filha. Françoise Couchard (in Zalcberg, 2003), mostra como que esta

semelhança produz o que chama de *comunidade de pensamento* fazendo com que haja uma confusão de identidades, propensão recíproca de confidências todas as idéias e sentimentos, a usarem mesma roupa, apagando os limites dos corpos.

Outra ilusão advinda desta confusão de limites dos corpos é a de uma experiência similar de gozo. “Mãe e filha tem um gozo específico das mulheres, um gozo suplementar”. (Zalcborg, 2003, p. 148). A ilusão de semelhança dos gozos cria sentimento de cumplicidade na experiência mãe-filha. No entanto, a experiência de gozo não pode ser compartilhada, porque nada pode ser dito sobre dela.

A filha passa a ter de se separar verdadeiramente da amada e temida figura do corpo feminino, com o qual o corpo erótico da mãe se funde. Com esta separação, afirma a autora, um gozo e um corpo aparecem com os quais a filha pode agora chamar de seus.

É do corpo da mãe de onde se desprende, inicialmente, a imagem de um corpo de mulher que sustentará um desejo de um homem. Imagem que deve ser abandonada para que a filha possa tornar-se mulher. Preferencialmente esta tarefa deve ser realizada com a ajuda da mãe. É na separação da sexualidade da mãe que a menina traz alguma *substância*⁴.

No início da maternidade, descreve Zalcborg (2003), logo que a mãe toma consciência de que seu corpo começou a gerar um bebê, esta deve atribuir, desde o início, uma forma acabada da criança. Caminho que deve se tornar uma primeira identificação: a criança é imaginada⁵ pela mãe. Esta imagem em início pelo próprio narcisismo materno e dele depende de como a criança será recebida ao nascer. Esta imagem terá papel importantíssimo, pois mediará o bebê imaginário e o bebê real.

⁴ Lacan utiliza este termo escrito em itálico referindo-se à mulher. Significa um paradoxo. A mulher não tem um significante específico para nomear seu sexo e por isso inscreve-se na falta de substância. Zalcborg, (2003).

⁵ Na teoria Lacaniana, o campo imaginário é dos três campos - simbólico, imaginário e *real* - em que se fundamenta a construção da subjetividade. Tal campo é conceituado, desde o seu início, como o lugar das ilusões do eu e o lugar da fusão com o corpo da mãe.

É natural que tal imagem construída pela mãe não deixe de dizer respeito à representação de objeto (*a*) que a criança significa. Imagem e objeto (*a*) se articulam na dialética da castração da mãe. Relacionam-se com a maneira que a mãe lida com sua própria falta, e como o efeito desta situação reflete no acolhimento do bebê.

A cobertura imaginária do objeto (*a*) é uma segurança tanto para a mãe quanto para a criança para que o corpo da última não se reduza a um objeto de gozo na fantasia da mãe. Para a mãe esta cobertura a assegura que não entrará em contato com o corpo *real* da criança, já que o encontro com aquilo que está fora do campo simbólico é um fator de grande inquietude para a mulher.

Além da imagem a criança recebe um nome que será sua primeira identidade particular a partir da qual poderá registrar-se no campo simbólico na família, na cultura.

O primeiro construto da teoria Lacaniana (in Zalcborg, 2003) é o estágio do espelho. Este estágio refere-se a experiência fundamental da criança que, em contato com o olhar da pessoa que a materna, vê seu corpo como uma imagem total. A cobertura imaginária dada pelo Outro, por meio do olhar, precipita uma forma primordial do eu, uma primeira identificação imaginária: ser o falo da mãe, suposto objeto de seu desejo. A partir desta discussão conclui-se que a imagem obtida é simultaneamente da criança e do Outro. Ocorre aqui o mesmo que já foi abordado pela vertente do simbólico: a criança está alienada. Ela passa a depender do reconhecimento do outro para reconhecer-se. É muito importante que a mãe assente à criança que esta possui um corpo separado da mãe, que é completa por si e que é identificada como tal. A autora afirma que, a constituição de imagem corporal está sob a dependência do outro. Se o outro não a vê, a criança nada pode ver. A menina mais que o menino depende de uma cobertura imaginária de ser corpo, para o qual falta um significante feminino.

Zalcborg (2003) mostra que o amor dos pais delegado aos filhos é constituído por um narcisismo renascido. Ou seja, sua realidade está na projeção da forma pela qual ansiamos sermos amados pelos nossos pais. Na relação mãe-filha, segundo a autora, há uma apropriação narcísica abusiva da mãe de reeditar

a própria vida como um todo. Há um abuso identificatório em que a menina é colocado em um lugar que não há reconhecimento de sua própria identidade. Em resumo, o amor de uma mãe pela filha funde-se, facilmente, ao amor que ela tem por si mesma.

Tal situação produz, com certa frequência, desestruturações na vida da filha. Por exemplo, quando há dependência do amor materno ou culpa, a filha terá grandes dificuldades de separar-se de uma mãe que se apresenta devotada. Sua saída poderá ser, no momento em que se torna mãe de uma menina, se identificar com a própria mãe exercer o mesmo poder sobre sua filha. “A relação de uma mãe com sua filha guarda sempre uma marca da sua relação com a própria mãe” (Zalcborg, 2003, p. 170). Investimentos intensos demais da mãe são acompanhados por sensação de uma falta de amor real pela filha. Falta que se reflete em baixa auto estima, insaciável demanda de reconhecimento e exigência de amor insatisfeito. A filha, muitas vezes, sente-se dividida entre satisfazer seus anseios ou os de sua mãe, na maioria das vezes, indiferenciáveis.

CHODOROW, (1990) sugere que a maternidade, por vezes, pode ter como fim completar o triângulo relacional, ou recriar a unidade mãe e filho. Sugere que tal situação significa que a manutenção é investida, ainda, de poderosa, conflitual e ambivalente necessidade da mulher de sua própria mãe. A mulher procura, então, satisfazer seus desejos emocionais no bebê. Satisfação que só um adulto pode ser capaz de fazer isto.

Outra questão levantada por Zalcborg (2003) é a preferência da mãe por uma filha em relação a outra. A escolha de uma das filhas é feita, pela mãe, como forma de realização de certos aspectos imaginários de sua vida. Desta forma, o suposto maior investimento afetivo da mãe, para com uma de suas filhas, não se trata de amar em si mesmo mais uma do que outra, e sim, de que, uma das filhas tenha características que encontram referência as aspirações narcísicas da mãe, ou que uma das filhas se submeta a abraçar tais projetos narcísicos. A escolha de uma menina, ocupante única dos interesses maternos é devastador para a filha, assim como para os outros filhos. Talvez possa ser ainda mais devastador para a

preferida que terá enormes dificuldades de renunciar o intenso amor investido pela mãe.

Para dar conta da construção da identidade feminina feita pela a mulher, Zalcberg (2003), retoma o conceito psicanalítico: *mascarada*. A função da máscara é paradoxal, ao mesmo tempo que esconde mostra. Rivi`ere (in Zalcberg, 2003) diz que a especificidade do feminino seria sempre um disfarce, uma mascarada, característica da feminilidade. Na teoria lacaniana a mascarada oferece uma moldura a mulher ao cercar de mistério aquilo que não existe.

A mascarada torna a feminilidade possível. Freud (in Zalcberg, 2003) já suspeitava da vaidade das mulheres. Para ele as mulheres buscavam no narcisismo uma compensação. Ao exaltar os encantos do corpo feminino, a mulher encobre a falta e despertam o interesse e o desejo dos homens. Ao cobrir seu corpo com uma série de objetos, permite ao homem fetichizá-lo.

A relação mãe-filha abordada por Zalcberg traz, assim, uma interpretação da recorrente intensidade emocional, por vezes dependente, existente entre mãe e filha. A partir da reconstrução da teoria psicanalítica por Freud e Lacan, a autora mostra que tal dependência tem como fundo a construção de uma identidade feminina em que ambas são protagonistas.

Portanto uma relativização torna-se necessária. O contexto histórico e cultural remetem ao patriarcalismo. Hoje a mulher urbana classe média participa mais ativamente, mesmo que ainda diferentemente dos homens, não só dos trabalhos produtivos mais significativos como também de outros aspectos da vida social. Por outro lado os homens passaram a participar de atividades na vida doméstica até então por excelência femininas. O desenvolvimento das crianças deixou de ser monopólio da própria família e, atualmente, há uma série de profissionais envolvidos nesta processo, o que trazendo significativas alterações no campo afetivo e identificatório da criança.

Isto nos leva a também a refletir que lugar ocupa a criança no desejo materno. Do ponto de vista cultural, é plausível pensarmos que hoje o lugar da criança no desejo da mãe ainda se tornou mais reduzido. O que antes era valorizado na construção da identidade feminina passou por mudanças

significativas na contemporaneidade. Há menos de 100 anos, a maternidade era parte essencial na realização feminina. Mesmo com todas as limitações de possibilidades para as mulheres, os filhos tinham, de modo geral, lugar socialmente privilegiado na realização feminina. Hoje não só a maternidade é cada vez mais uma opção dentre outras, como também os filhos, mesmo quando desejados, muitas vezes tem que dividir o desejo materno com as diversas buscas pela realização enquanto mulher e indivíduo. Para aquela mulher de classe média que aspira a independência financeira e emocional, a busca de reconhecimento profissional, de aperfeiçoamento intelectual, de melhorias no orçamento, de perfeição do corpo culturalmente desejado dividem lugar com expectativas românticas em relacionamentos amorosos e no cuidado com os filhos.

Método

Opto por fazer uma pesquisa qualitativa para abordar o tema da relação mãe-filha no contexto da gestação. Apesar de trazer para discussão deste trabalho uma teoria que pretende esclarecer os eventos que ocorrem nesta temática, a experiência de cada mulher, de cada subjetividade, é diferenciada. E deve ser tratada com tal.

Trago uma tentativa de discutir a teoria psicanalítica de forma diferenciada daquela que interpreta o discurso e que acaba por fazer da teoria, muitas vezes, mais real do que a própria experiência. Como Freud (1998) disse uma vez, ao analisar um caso de paranóia, os psicanalistas devem se apoiar na opinião de que as raízes de todo o sofrimento psicológico deve se encontrar, principalmente, na vida sexual do paciente, “alguns de nós baseados simplesmente em fundamentos empíricos, outros, influenciados, além disso, por considerações teóricas”(Freud, 1998:36). Muitas vezes, acaba por ser tentador dar o pronto sentido psicanalítico - que por sinal a mim é impressionável - ao discurso subjetivo.

Procuro neste trabalho uma forma de, ao lançar mão da teoria psicanalítica, em especial Lacan e Freud, além de outros teóricos que dão conta das particularidades emocionais do momento da gravidez, utilizá-la como um possível campo de inteligibilidade. Não de uma forma acabada, mas sim numa concepção metafórica, muito menos evidente. As definições teóricas, por exemplo, de *falo* - conceito fundamental para a concepção do significante do desejo - serão redimensionadas neste trabalho, na medida em que tomam realidade a partir do significado que o sujeito, em sua trajetória particular e reatualizada, neste novo contexto de vida que é a gravidez, constrói, vivência e expressa. Procuro dar lugar ao singular e ao casual e até mesmo aos paradoxos, ao invés da possibilidade de uma interpretação despersonalizada e rígida.

González Rey (2000) traz, em seu livro: Pesquisa Qualitativa em Psicologia, uma discussão atualizada do curso desta qualidade de construção científica e quais são as novas possibilidades e desafios presentes para o benefício, em especial, da Psicologia. Segundo o autor não existe um significado único do termo qualitativo da pesquisa. Sequer a diferenciação entre quantitativo e qualitativo é uma diferenciação eficaz, exceto no campo epistemológico. Alguns teóricos consideram o método qualitativo como uma forma diferente de se fazer ciências em contrapartida ao modelo positivista. Outros autores o entendem apenas em seu aspecto instrumental. Fazem-no preservando os aspectos fundamentais da epistemologia quantitativa.

Foi no princípio de século XX que, segundo González Rey (2000), a pesquisa qualitativa se sistematizou, a partir dos trabalhos de campo (etnográficos) de Malinowski, Bateson, Mead, entre outros. A Antropologia produz a etnografia, importante tradição em pesquisa qualitativa, pioneira neste tipo de pesquisa. Muitas das definições sobre etnografia trazem semelhanças gerais na definição da pesquisa qualitativa em psicologia.

No desenvolvimento histórico da pesquisa qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (in González Rey, 2000:4-6), podem ser diferenciados em cinco momentos essenciais: * *Período tradicional* - pesquisa influenciada pelo paradigma científico positivista em que a validade, confiabilidade e a objetividade são primordiais;

**Período modernista* - tem por característica ser uma tentativa de formalizar os métodos qualitativos, vai dos anos após-guerra até a década de 70; **Período de indiferenciação de gêneros* - entre os anos 70 e 1986 como procura de complementação mútua de paradigmas, métodos e estratégias de pesquisas. Por exemplo, estudo de casos, métodos biográficos e a pesquisa clínica. As representações culturais e suas significações são ponto de partida. Este período leva à eliminação da diferenciação clara entre literatura e ciência social e; **Período de crises de representação* - a partir da década de 80 pesquisas mais reflexivas que começaram a observar os problemas de gênero, raça e classes sociais. Questiona-se um conjunto de princípios dominantes na antropologia, como a objetividade e a concepção de rituais e costumes fixos. Neste período as teorias mais interpretativas se tornaram mais comuns, e os conceitos de confiabilidade, validade e objetividade foram mais discutidos. A forma de se coletar dados também foi revista. Passou de uma visão descritiva e acumulativa, para produção de um texto em que o pesquisador relata uma história. O último período foi o **Período da dupla crise* - crise de representação e legitimação das pesquisas qualitativas no universo científico. Preocupação com o problema do conhecimento como discurso socialmente construído que poderia causar o fim da epistemologia; **Momento Atual* - onde as grandes narrativas vão sendo substituídas por teorias mais locais e de pequena escala, situadas em problemáticas e situações específicas.

González Rey (2000) sugere que a reflexão e o desenvolvimento de novos conceitos e procedimentos da pesquisa qualitativa requer uma reflexão epistemológica. O surgimento do qualitativo seria essencialmente o surgimento de uma nova epistemologia.

“A elaboração de novas epistemologias, capazes de sustentar as mudanças profundas no desenvolvimento de formas alternativas de produzir conhecimento nas ciências sociais, requer a construção de representações teóricas que permitam aos pesquisadores ter acesso a novas “zonas de

sentido”⁶ sobre o assunto estudado, impossíveis de serem construídas pelas vias tradicionais”(González Rey, 2000, p.7).

É com esta conotação que pretendo explorar a teoria psicanalítica em minha estratégia de pesquisa. Opto por uma relação crítica com a teoria, que permita uma leitura mais particularizada, surgida a partir da experiência que coletarei. Não pretendo utilizar o processo interpretativo de forma a reduzir a riqueza, a originalidade e a complexidade do objeto para que este se comporte na pronta construção teórica do sistema psicanalítico. Encontro uma reflexão próxima à minha proposta de pesquisa no seguinte trecho do autor Mezán (1983) Apud (González Rey, 2000):

“Onde está então a universalidade do Complexo de Édipo e da Lei de deformação? Podemos perceber agora que afirmá-la *a priori* não se justifica: nesta forma geral e assertiva, tal afirmação tem valor como resumo de inumeráveis psicanálises, mas só pode ser psicanaliticamente mantida se for reinventada e redescoberta em cada caso. E só pode ser reinventada e redescoberta se não quiser fingir-se de científica e definitiva ilustração *ad nauseam* de um princípio estabelecido de uma vez por todas, decifração aparentemente objetiva, mas na verdade **malandra**, de um sentido que já se conhece antes de começar” Mezán(1983) Apud González Rey (2000, p. 32)

Para González Rey, em muitos casos, a tentativa de se aplicar uma metodologia essencialmente qualitativa não atinge seu objetivo, pois peca por ignorar a epistemologia que está na base da produção científica. Os pesquisadores sociais adotam predominantemente a epistemologia positivista, mesmo quando o interesse está no uso do qualitativo. Psicólogos, pesquisadores sociais, linguistas lidam com objetos que são sujeitos, e como tal, devem ser

⁶ O autor define “zonas de sentido” como aquelas zonas do real que encontram significado na produção científica mas, mas que não são totalmente contempladas em nenhum momento na teoria.

considerados na complexidade de sua subjetividade. A dimensão individualista e construtiva do sujeito tem significação vital, em especial na psicologia.

São três os princípios que apóiam a epistemologia qualitativa apontados pelo autor. O primeiro é que o conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa, ou seja, não se constitui como soam de evidências coletadas no momento empírico. Há o caráter interpretativo em que se confere novos sentidos às expressões do sujeito estudado. O pesquisador integra, reconstrói e apresenta novas interpretações aos dados coletados, tomados em seu contexto. O segundo princípio diz quanto ao caráter interativo do processo de produção do conhecimento. Tanto o pesquisador quanto o entrevistado tem uma posição ativa na construção de novos significados. Este processo leva em consideração os imprevistos presente em toda comunicação humana e também aquelas situações informais que surgem na coleta de dados. Estas intercorrências são aproveitadas como situações significativas para a pesquisa. E o último pressuposto se refere a significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. A investigação científica leva em consideração a singularidade, isto é, forma única e diferenciada da subjetividade, do sujeito. Por isto não há relevância a quantidade de objetos pesquisados, mas sim sua complexidade e qualidade.

A subjetividade, foco do pesquisador qualitativo, definida por González Rey (2000:11-12;29), é aquela que se caracteriza como expressão da cultura e parte constitutiva da mesma. O psiquismo que ganha existência na subjetividade dentro da vida cultural. Por meio de configurações de sentido e significação que não podem ser determinadas (causa e efeito) por nenhum fator externo. Nem mesmo o fator cultural. A subjetividade surge como forma de superação das dicotomias presentes na ciência positivista como, por exemplo, sujeito-objeto, interno-externo e afetivo-cognitivo. O qualitativo na psicologia deve ser tratado como uma ciência que não é guiada só pela razão. A subjetividade, a emoção, a individualidade, a contradição que se realiza na experiência interativa entre o sujeito e o pesquisador é o foco fundamental neste tipo de produção científica.

Os passos metodológicos empregados por mim, neste presente trabalho, serão realizados da seguinte forma: irei propor a um grupo de gestantes, participantes de uma atividade física preparatória para o parto (yoga), que alguns sujeitos do sexo feminino participem de entrevistas abertas a respeito de seu momento de vida (embora darei ênfase nas relações maternas). Seleccionarei entre três e cinco gestantes ou mulheres no pós-parto (até seis meses após o parto) para esta finalidade. Determino até seis meses após o parto, pois é este o momento em que deixam de freqüentar o grupo. A entrevista será registrada em fita cassete e uma ou duas delas serão selecionadas e transcritas para posterior análise. A seleção terá como critério a visibilidade do sujeito, tanto em seu discurso quanto na expressão de suas emoções.

Além disso, tomarei como recurso um instrumento chamado Completamento de Frases⁷. Este instrumento metodológico consiste em frases inacabadas que tem como propósito uma percepção mais ampla do entrevistado. As frases se referem não somente ao momento da gravidez e a relação mãe-filha, mas também referem-se a temas diversos como, por exemplo, o melhor momento...; o maior medo...; etc. Tal instrumento terá um efeito facilitador, sendo a entrevista o foco da pesquisa.

Como expus anteriormente, não possuo uma estratégia prévia de análise. Por procurar novas formas de aplicação da teoria psicanalítica e por privilegiar o sujeito em sua experiência, a análise será construída em função da produção da entrevista e de outros momentos que não aqueles em que há a formalidade da pesquisa. Acredito que terei uma maior facilidade de entrada uma vez que já participei, como sujeito, das aulas e das conversas recorrentes de preparação para o parto. Neste grupo, existem alguns ideais e algumas representações sobre parto e maternidade que, de modo geral, são compartilhados pelas participantes.

Análise da entrevista:

⁷ Tomarei como base, o instrumento chamado completamento de frases feito pela doutoranda de psicologia Alessandra Arrais para a construção de outro instrumento a ser aplicado neste trabalho.

A análise da transcrição deve ser feita a partir de uma visão ampla da entrevista. A partir das diretrizes para a realização da pesquisa qualitativa segundo González Rey, o sujeito deve ser observado em sua totalidade, ou seja, numa construção abrangente de sua experiência refletida na fala. Em particular, nesta entrevista, por vezes, não encontro referências amplas o suficiente para apontar algumas interpretações que realizarei. No entanto, tais interpretações parecem ser plausíveis, uma vez que o presente sujeito traz uma vantagem à entrevista. Por ter tido a oportunidade de participar de diversas terapias, tem para si mesma algumas constatações a respeito de sua história e dos caminhos que percorreu em sua vida. Tais constatações se apresentam na fala e adquirem importância em minha análise mesmo que não se tenha confirmações outras no decorrer da entrevista.

Acredito que o entrevistador deve estar atento também para os detalhes. Assim como numa terapia, pontos relevantes, às vezes fundamentais, do significado da experiência do sujeito podem aparecer em uma pequena fala. Até mesmo em uma frase. Podendo não mais se repetir ou ter um desdobramento posterior. Isto estará em dependência tanto com a disponibilidade do sujeito para entrar em contato com a experiência, como com o nível de confiança que este terá para com o seu entrevistador, entre outros.

Neste sentido, o entrevistador deve compreender que suas interpretações a respeito da fala do sujeito não devem ser consideradas como algo mais que interpretações. Não se deve confundir interpretações com “a verdade” sobre o entrevistado.

Para este trabalho entrevistei um total de cinco sujeitos. Entre eles duas mulheres gestantes e três mulheres no pós-parto inicial (até quatro meses após o parto). Tomei a entrevista mais completa para este trabalho, a de uma mulher no oitavo mês de gestação. As entrevistas foram feitas nas casas das entrevistadas. Percebi que, apesar de este ser o ambiente mais fácil para elas, em termos de praticidade e conforto, para algumas entrevistas este foi um fator que em larga medida atrapalhou o aprofundamento dos conteúdos. Observei isto mais evidentemente naquelas mulheres que não se recolhiam para a entrevista.

Optaram por fazê-la na sala, com uma possível interferência de outras pessoas. Em um caso específico, a mulher que estava com um bebê de 15 dias, fez a entrevista com a mãe por perto. Sem espanto quase nada foi falado a respeito das dificuldades maternas, ou se eram apontadas sempre o eram no passado. As demais entrevistas aparecerão nesta monografia apenas como referência comparativa para análise da entrevista abaixo.

É importante salientar que não houve nenhum tipo de roteiro a ser seguido. Apenas foi solicitado às mulheres que estas contassem suas experiências da gravidez, da maternidade e da relação mãe-filha. Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete, sendo a duração média de uma hora e meia cada.

Discussão

O sujeito entrevistado, denominado B. no presente texto, é uma mulher de 44 anos, na 32^o semana de gestação. Segue-se a entrevista gravada e as considerações pertinentes.

Quanto ao complemento de frases este não teve resultados significativos. O complemento foi aplicado após a entrevista. Por isto, acredito que B. estava aliviada por ter tido a oportunidade de refletir e dar vazão às suas emoções, não tendo uma entrada afetiva nas complementações de frases.

A(entrevistador) - Então, como eu ia dizendo, uma experiência interessante...

B(entrevistada) - Não, é porque eu tenho uma história com mãe, sabe, eu acho que, que tem que ser fixa, tanto é que a Rita me falou desse seu trabalho e...Porque eu venho de um processo há alguns anos de resgate da minha mãe. Bom, para ser bem rápida e objetiva, como é que foi a minha história de vida? Eu sou filha mais velha...

A - Você já fez terapia?

B - (Risos) É, eu sou assim, sabe, já fico envergonhada...

A - Vou contar a história da minha vida...

B - Só que tem uma coisa, eu nunca me dei bem com Freud, eu sou assim, a minha linha é Reich, então é totalmente em cima de corpo, de trabalho com o corpo, que eu acho que só na terapia que me dá mais contato com a minha essência, sabe?, então eu consigo me acessar melhor através dessa linha, da

bioenergética, do Lowen, do Reich, então me dá mais, bom, mas isso é uma coisa minha, né? Porque ***** quando você faz uma terapia freudiana... minha primeira fase de terapia de vida, eu comecei a enganar o terapeuta, me enganar, enganar todo mundo, sabe?, então, eu montava histórias, eu fazia assim, eu inventava um teatro da minha vida, e depois eu tentava solucionar esse teatro que eu tinha montado, ou seja, a essência ficava exatamente do meu jeito(risos). Bom, mas aí é o seguinte, minha mãe..., eu sou filha mais velha, nós somos quatro mulheres e tem um irmão que nasceu quando ela tinha a minha idade hoje. Meu irmão mais novo, a diferença de idade minha para ele é maior do que a minha para a minha mãe. Então a gente tem..., mas eu nunca me incomodei com isso. Com 15 anos eu saí de casa. Com 15 anos eu fui morar em Belo Horizonte. A gente é do interior de Minas e daí eu fui morar em Belo Horizonte para estudar e daí comecei uma vida de muita independência. Porque eu sempre fui muito independente, porque eu tenho a minha irmã mais nova, que é dois anos mais nova que eu e depois eu tenho uma que é oito anos mais nova que eu...eu exerci muito a maternidade com essa minha irmã de oito anos mais nova que eu, caçula, (mais adiante farei uma análise do constante exercício da maternidade feita por B.)que tá grávida também. Tem quinze dias que a gente ficou sabendo que ela tá grávida. Então...Eu digo, eu falo para ela, vou ser mãe e avó, junto.

E quando elas fizeram quinze anos, aí depois abaixo dela tem mais uma com um ano de diferença dela, que é a Anne e quando eu estava já na faculdade elas foram morar comigo, então, com quinze anos elas foram também para Belo Horizonte, então quando a Susan nasceu eu fui meio que mãe da Susan, eu cuidei dela pra caramba, porque logo em seguida minha mãe teve outro filho, então eu tomei a Susan para mim e na minha pré-adolescência eu tive muito contato com criança, aí quando eu fui para Belo Horizonte estudar, eu me afastei da minha mãe,(o primeiro afastamento físico) aí quando ela estava com quinze anos, eu vivi muito a ***** de adolescência dela e também dando suporte de mãe, aí já eram as duas, eu fui uma mãe de adolescente muito cedo também, e conforme as oportunidades, que eu sou canceriana e extremamente maternal, e nesse momento que a gente foi para Belo Horizonte, que as meninas foram... logo que

eu e a minha irmã mais nova fomos, **minha mãe começou a entrar num processo de depressão, de ausência da casa.** (B. parece de alguma forma tentar substituir sua mãe para suas irmãs. B. pode ter vivido esta oportunidade maternidade para com as irmãs como uma forma de denunciar para a mãe que, ao contrário dela, B. sabe maternar. Neste período a mãe entra num processo depressivo. B. parece sempre mostrar a própria mãe que esta não era mãe suficiente. Ao longo da entrevista há outros elementos que confirmam a insatisfação materna de B. e o fato de esta insatisfação ser, durante a vida, denunciada. Em um momento, já com trinta e poucos anos, liga para a mãe e fala toda sua mágoa.

Fala com muito orgulho, o quanto que foi importante para as irmãs. Uma forma de B. encontrar um caminho de saída para o fato de se sentir insuficientemente maternada é maternar os outros da forma como gostaria de ter sido maternada. Durante toda a vida procura ser mãe de “outros filhos”) Aí chegou um momento que o papel inverteu. Eu tinha uns 16, 17 anos... Aí o processo inverteu, **eu virei meio que mãe dela. E ao mesmo tempo, com muita dificuldade de ter contato, de ter amorosidade por ela, de estabelecer um contato físico com ela, eu tinha um contato físico de maternidade com as minhas irmãs, mas com a minha mãe não** (B. vira mãe de sua própria mãe e mesmo assim diz continuar difícil estabelecer um contato com sua mãe). Porque ela foi ********* para mim e **a minha mãe é muito durona e ela foi minha professora no primeiro ano primário e no terceiro ano primário**, eu não fiz jardim de infância, naquela época não existia jardim de infância (sua mãe exigia ser uma excelente aluna. B. durante toda a sua vida, preservou esta importância. Sempre foi boa aluna, boa profissional. Mais tarde podemos constatar que ela preserva até hoje uma excessiva dedicação ao seu trabalho, mesmo grávida.) ...

A - *****

B - Fiquei. Ela trabalhava fora mas ela era minha professora e era **muito brava, extremamente brava, eu tinha medo dela, morria de medo dela, ***** a melhor aluna, sabe?**, a mais... me ensinou tudo de etiqueta, de não sei o quê e tal, ********* eu era criança, mas eu tinha que me comportar como uma adulta, e **isso me deu**

muita raiva dela, sabe? Minha relação com ela não foi estabelecida como uma relação de dependência dela, de amorosidade, de necessidade dela (Dificuldade de se diferenciar da mãe. Interessante que B. use como sinônimos dependência, amorosidade e necessidade. Após a entrevista percebi que para B. faltou viver um contato e a amorosidade com a mãe, no entanto, experienciava algum tipo de dependência. Dependência no sentido de que as dificuldades de afeto para com sua mãe, por muitas vezes, a fazia entristecer e ter conflitos em outras relações. Quando diz que começou a estabelecer dentro de si mesma uma relação de independência, esta parece ter sido uma tentativa de saída, que teve sua importância, mas que futuramente tornou-se mais uma fuga, ou até de repetição do desejo da mãe. Isto por que já adulta relata que ainda permanecia na falta do amor materno, sendo muitas vezes este experienciado como sentimento de raiva). Eu comecei a estabelecer dentro de mim uma relação de muita independência, de não querer ela perto de mim, tanto é que quando eu fiz quinze anos o que eu mais queria era sair de casa. Porque eu já tinha estabelecido, quer dizer, já tinha tido a experiência de ter cuidado da Susan, ou seja, eu amadureci muito com isso,(B. aponta uma relação entre a formação de uma tentativa de independência da mãe, durante a adolescência adolescência, com o fato de ter cuidado da irmã. Cuidar da irmã, segundo ela, permitiu que amadurecesse e assim pudesse se independer. Assim como há uma referência posterior (p.), cuidar de uma criança faz B. entrar contato com suas dores maternas. É possível que, ao cuidar da irmã, este sentimento de independência da mãe, surja em consequência da dor) aí eu queria ir embora, tanto é que eu fui e logo que eu fui e ela começou a entrar num processo de depressão.(interessante pensarmos na possibilidade de como a experiência que uma mãe ganha com seu primeiro filho, ou com aquele eleito como o principal lugar da projeção de expectativas, faz com que sua relação com os demais seja, em alguma medida, permeada da experiência anterior. B. diz que, ao sair da casa de sua mãe, entrou num processo de depressão, ou seja, o fato de suas outras filhas estarem ainda com ela, não impediu que a mãe entrasse num processo de fechamento a todos. Posteriormente sabemos que as irmãs de B. a acompanharam.

Na teoria vimos que a mãe tende a eleger uma das filhas que, por terem características identificatórias com a mãe, são uma oportunidade realização de certos aspectos imaginários de sua vida. E por isto acabam por receber um maior investimento materno. Além disso há também indícios de que, investimentos intensos demais da mãe são acompanhados por sensação de uma falta de amor real pela filha. Podem se refletir depois numa insaciável demanda de reconhecimento e exigência de amor insatisfeito. A filha, muitas vezes, sente-se dividida entre satisfazer seus próprios desejos ou os de sua mãe, na maioria das vezes, indiferenciáveis. Isto refere-se também ao conflito aparente no caso de **B.** entre ter uma vida desregrada e uma vida paralela nos moldes do desejo materno.) Aí ela ficou depressiva e os médicos deram, começaram a ***** de remédios para ela, hormônios, disseram que ela estava entrando na menopausa precoce, aí ela começou a tomar um punhado de hormônios, uma loucura, sabe? Aquelas coisas de tratamentos antigos, né? E com isso ela chegou numa época *****. Nesse momento a minha irmã mais nova casou, quando minha irmã casou, eu fiquei morando sozinha, o que para mim foi ótimo, porque daí eu comecei, aí foi um salto de vida, sabe, um momento para mim, aí essa foi uma época que eu tive momentos ***** , que foi a época que eu estava na faculdade, eu fazia duas faculdades, ***** , e tinha uma vida super ativa e quando eu estava quase me formando, quando eu estava me formando, Susan e Anne vieram morar comigo, que eram as mais novas, aí eu já tinha carro, já tinha estrutura de casa, já tinha uma vida completamente montada ali, e elas vieram morar comigo e eu assumi a adolescência também, e o tempo foi passando e com isso eu com isso eu não fui cuidando, fui deixando de lado a minha vida pessoal (A forma com que cuida parece ser tão intensa que chaga ao ponto de relegar a último plano a sua vida amorosa pessoal. Parece que a forma como cuida dos outros diz da forma como gostaria de ser maternada). Aí assim, eu sempre fui muito namoradeira, sempre tive namorado, mas nunca quis casar, porque eu não queria ser dependente de ninguém (estar ao lado de alguém, casada, significa para B. estar dependente, mesmo que tenha independência sua financeira e profissional. Repete, ou tinha medo de repetir, com os homens aquela relação que

teve com a mãe. Mais a frente B. fala como que a sexualidade (p. 7) e o amor se configuraram para ela, a partir de referência maternas), eu queria ser completamente independente, e tive assim relacionamentos muito, muito malucos(mais a frente falarei como que estes relacionamentos “malucos” tinham um contraponto com a manutenção de uma vida exemplar. Na qual, B., apesar de se drogar e procurar sempre homens “marginalizados” (p.8 e 9), preservava um lugar de boa aluna, boa profissional e um namorado “oficial” em sua cidade natal), tive um relacionamento com um homem casado durante uma época e isso foi uma coisa muito rica para mim também. Até que chegou a um ponto, e isso assim... mãe ausente, completamente na minha vida, eu tinha uma mãe que era mais minha filha e eu não tinha ninguém a quem recorrer, sabe, o meu primeiro namorado, a minha primeira transa, eu nunca tive contato nenhum com ela, aliás, ela era ***** dela e uma pessoa jovem. A minha diferença de idade para ela é muito pequena, de vinte anos, então fica muito perto, assim, muito jovem, se vestia super jovem.

A - Porque ela não era ***** madura, né?

B - E eu madura, mas também muito reprimida por ela. Eu sentia que toda a minha experiência sabe, a minha sexualidade, a minha, sabe, o meu contato com sexualidade e com namoro, eu sentia que ela ficava assim completamente irada, ela saía de si, eu sentia ódio dela, sabe, assim, era uma relação de raiva e daí o que aconteceu? Eu não queria que ela entrasse na minha vida pessoal, não queria o menor contato com ela e ela falava...Teve uma época que eu era pré-adolescente, e ela falava: prefiro ver minha paixão indo para o cemitério do que ver uma filha minha não se casando virgem, sabe, então foi esse o contato, a informação que eu tive da relação, da sexualidade, do contato, e pra mim o que aconteceu?(Esta frase tornou-se muito importante para B.. Ela mesma diz que este foi o contato, a informação que teve da sexualidade, da relação e do contato. O interdito da mãe, apesar de aparentemente se referir apenas ao fato de não querer que a filha tenha relações sexuais por razões preconceituosas, fazia referência também a idéia de amor. A mãe dá pistas desta associação quando diz preferir ver sua paixão (seu amor) morrer a não ver sua filha se casar virgem. Ao

dizer que B. não deveria ter relações sexuais, ela dizia também a ela, em sua experiência, que estas relações sexuais deveriam ser incompatíveis com relações de amor. Podemos até supor que estas referiam à relação de amor entre mãe-filha, uma vez que a mãe sentia uma profunda raiva e, em consequência B. querer se afastar da mãe. Assim, B. pode ter estabelecido, até inconscientemente, que: se afastar da mãe significaria ter relações sexuais e amorosas com outros. Nesta situação encontra tanto uma saída para distanciamento da mãe, como também possibilidade de compensar aquilo se ressentido não ter vivido. A mãe nos conta que, ver a filha se relacionando amorosamente com outro é ver seu amor, ou sua oportunidade de amar, se esvaindo. Como se visse sua própria falta de contato com a filha, num sentido mais amplo, vê sua falta de ter contato com outras pessoas. Para a confirmação desta hipótese faltam informações a respeito da relação entre a mãe e o pai de B.

Teoricamente, há referências apontadas por Zalcberg de que, uma vez que é para a mãe que a menina deve voltar-se para construir sua identidade sexual, a identificação com o corpo é parte importantíssimo deste processo. As garotas se envolvem desde cedo na sexualidade da mãe e esta, através da filha, experimenta formas da sua sexualidade. A semelhança de corpos, numa relação intensa entre mãe-filha, pode causar confusão de quando se começa um corpo e quando se termina outro. Isto se reflete de diferentes formas nas dinâmicas relacionais. Por exemplo, quando a mãe fica como guardiã da virgindade da filha). **Eu me formei uma pessoa assim que não quero casar, não quero nada, não quero contato com ninguém.** O jovem que eram ***** aí eu me metia com músico, com artista, com drogado, com homem casado, então as minhas relações eram muito submundo, sabe, muito...me droguei muito na minha adolescência, fumei muita maconha, cheirei muita cocaína, que era até uma coisa de época também, a gente via isso como certo, mas foi um período que eu sempre tive uma, **eu tenho um lado meu que é um lado *underground*, mas eu tenho um lado que é de muita responsabilidade. Por exemplo, eu fazia todas essas maluquices na minha vida, sabe, eu me drogava, mas a minha faculdade era sagrada, os meus estudos eram sagrados, o meu trabalho, a minha responsabilidade com a minha profissão, sabe,**

isso era sagrado.(importância ainda viva daquilo que sua mãe sempre valorizou e exigiu de B.) Eu me drogava no sábado e no domingo, mas durante a semana eu sempre fui uma excelente aluna, eu sempre fui, sabe, tive notas altas, nunca perdi uma disciplina na faculdade durante o período de faculdade, era super respeitada pelos professores,(importância das admirações dos professores, assim como a importância da admiração materna refletida nos estudos) inclusive por isso, por eu ter uma vida muito louca, mas ao mesmo tempo estar muito centrada naquilo que eu estava fazendo, né?

Então era assim sabe, o meu outro lado. E daí eu... Bom, com o passar do tempo, eu fui sentindo que eu precisava tomar um rumo na minha vida, na minha vida pessoal, sabe, parar de cuidar das minhas irmãs, parar de cuidar dos outros. Sabe essa função? Daqui a pouco elas iam casar também. E foi exatamente quando elas já estavam as duas na faculdade, eu resolvi vir morar em Brasília. Na verdade, eu resolvi sair de Belo Horizonte, porque eu estava tendo uma relação muito complicada com um homem casado e nesse meio tempo eu tinha um namorado, que era um namorado da minha cidade, então quer dizer, eu fazia essas maluquices todas e tinha um namorado, eu tinha uma vida toda certinha que não era também tão... (apesar de querer a qualquer custo a independência afetiva de sua mãe e viver uma vida diferente das expectativas maternas, B. se drogava, se relacionava com homem casado, sua vida sexual era “livre”. Ao mesmo tempo mantinha uma vida paralela em que era a boa menina, estudiosa, respeitada, trabalhadora e que tinha um namorado de sua cidade. Parece que esta dualidade mostra, em alguma medida, a própria ambiguidade da entrevistada em relação às expectativas maternas, conseqüentemente ao recebimento de amor. Até que ponto B. procura o reconhecimento materno e todo investimento daí advindo e até que ponto procura uma tentativa de desvinculação da relação de dependência entre a mãe e a filha. A oportunidade de viver uma vida desregrada parece mostrar justamente esta tentativa de corte) porque meu pai não gostava muito desse meu namorado, que ele era músico e da noite, mas pelo menos era assim, a referência do certinho que eu podia naquele momento.

Aí eu resolvi num determinado momento da minha vida eu virei e falei assim: não, parei. Agora parei com tudo. Eu já estava formada, já estava ***** já quero me mudar, quero ir para os estados Unidos, isso foi por volta de 86, 87, não, mais um pouquinho, 88, foi por volta de 88, eu já tinha me formado e tinha escritório de arquitetura em Belo Horizonte, aí eu queria sair do Brasil. Aí tentei, menina, não consegui por causa de visto, eu já tinha uma profissão, eles estavam sacando que eu estava querendo ir para morar lá e eu estava querendo ir mesmo, né? Aí apareceu um **concurso da rede Sarah de hospitais que era um concurso super concorrido, eram três vagas para o Brasil inteiro, é super difícil e eram três vagas, eu me lembro que foram provas assim, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, eu fiz prova para cá, para o hospital em Belo Horizonte, eu concorri com os meus professores todos, e passei nesse concurso,**(Concorri com meus professores e passei num concurso difícilimo. Esta passagem mostra, mais uma vez, a importância que tem o reconhecimento intelectual, assim como sua mãe considerava importante. Vitoriosa, conseguiu ser melhor, até mesmo de seus professores, que simbolicamente tem também uma referência materna) aí fui chamada aqui para Brasília, me mudei para Brasília, disse: Ai que ótimo! Isso foi assim minha... Eu vim para Brasília com uma mala e esse vídeo cassete, era tudo o que eu tinha, aí eu vim para Brasília, falei assim é isso que eu quero, eu não quero trazer absolutamente nada, nem roupa que eu não usava mais eu trouxe, só trouxe as roupas que eu usava naquele momento e só. Aí comecei totalmente do zero. Nessa época eu estava com trinta anos...

A - Trabalhava com arquitetura?

B - É, eu era arquiteta, eu tinha escritório de arquitetura em Belo horizonte, como eu não tinha conseguido ir para os Estados Unidos eu queria sair de Belo Horizonte, daí surgiu essa oportunidade do Sarah, aí eu vim para o Sarah, e isso muito assim, muito independente, sem contato com mãe, sem contato com nada.

Quando eu cheguei aqui em Brasília, eu me separei, **eu terminei esse namoro que eu tinha de um longo tempo com esse músico, com o Cleiton, porque aí ele já tinha feito, já era advogado, já era juiz na época, aí ele virou um partidão, aí eu cortei, sabe.. aí eu não queria mais.**(mais uma vez o conflito) Aí eu

realmente me recolhi em Brasília e comecei a trabalhar a minha vida aqui. Aí me tornei Saniasi, eu... você conhece o trabalho do Osho?

A - Não conheço muito não, mas...

B - Aí eu já conhecia há muito tempo, já fazia meditações do Osho, mas aí quando eu vim para cá eu realmente entrei na viagem e a gente ficou um tempo juntos e ele foi uma pessoa que, foi um mestre para mim, mas **continuei completamente distante da minha mãe ***** sabe, distância total, e nesse período que eu estava com o (seu primeiro marido), ele tinha duas filhas, aí eu virei mãe das meninas dele,** (além das irmãs B. tomava os filhos dos maridos como seus) a Raquel estava com seis anos e a Taís com oito, aí elas meio que vinham morar comigo. Elas ficavam com a mãe, mas vinham comigo, passavam muito tempo comigo, e eu voltei de novo a exercer a maternidade com elas. Aí quando a gente se separou, aí eu comecei a sacar essa história, puxa, eu já estou com trinta, estava na época **com 33, 34 anos, puxa, eu comecei a ter vontade de ter filho, aí comecei a Ter vontade de Ter filho, mas assim, completamente medrosa, eu comecei a entrar em pânico, sabe, ao mesmo tempo que eu queria muito eu ficava em pânico,**(há referências teóricas que uma forte dependência emocional entre mãe-filha pode atrapalhar enormemente a vida sexual da filha em relação a novos parceiros amorosos como, também, passar a não desejar, ela própria, procriar. Apesar de B. ter o desejo de ser mãe, também sentia pânico de que acontecesse. Mais adiante veremos a reação dela quando engravidou). e eu tinha uma excelente salário, um excelente emprego, sabe, eu não precisava que ninguém me ajudasse, mas a minha relação com o ***** era uma relação muito legal, mas o meu marido não tinha muita estrutura também para ter um outro filho e aí eu fui deixando, **aí eu comecei a querer resgatar a minha mãe, porque daí eu comecei a sacar, falei assim, puxa, eu não consigo ser mãe porque? Porque eu morro de medo de ser mãe, eu morro de medo de ser uma péssima mãe**(dificuldade de ser mãe pois há uma questão anterior com a maternidade. “A relação de uma mãe com sua filha guarda sempre uma marca da sua relação com a própria mãe” (Zalberg, 2003, p. 170).), e na verdade, tudo me prova que eu sou uma excelente mãe, porque eu sou mãe de todo mundo e enfim, eu não tenho

dificuldade nenhuma em ***** quando menina, cuidar delas, elas vinham para casa, eu comecei a cozinhar para elas, aí começando a cozinhar... porque eu gostava de cozinhar, mas eu nunca tinha explorado esse meu lado, e elas me ajudando, então eu deixando elas participarem muito da minha vida e de cozinha e de pôe o prato, ah! Vamos fazer a mesa, faz não - sei - o - quê, vamos fazer bolo, fazer massinha, e daí eu comecei a enxergar que eu nunca tinha tido esse contato com a minha mãe e que eu estava, sabe, trazendo uma coisa para elas que...e nem elas ***** elas têm uma mãe maravilhosa, mas eu comecei a usá-las, sabe, para esse meu exercício. Aí, menina, entrei em um processo com a minha mãe de ódio (nesta hora B. começa a se emocionar muito.) (Relaciono esta experiência com a relação feita por B. mais acima, em que diz que, em sua primeira experiência como “mãe”, após cuidar na irmã mais nova, quis sair de casa. Se afastar da mãe. Parece que, assim como sustenta Zalcberg, a criança, o contato com a maternidade traz à mãe também o contato, não só com a experiência de ser mãe, mas também, desperta para a mulher, a menina que foi e suas faltas. B. as vivenciou em forma de sentimento de ódio.)

A - Nesse momento? Mas vocês se falavam esporadicamente pelo telefone?

B - Sempre.

A - Ou era com frequência?

B - Sempre, sempre. A gente sempre teve um contato assim de: ah!, como é que estão as coisas aí? Mas um contato assim, verbal e superficial, mas nunca numa conexão extremamente amorosa.

A - E nesse momento que você estava cuidando das filhas do seu namorado, você...começou a sentir muita raiva da sua mãe?

B - Eu comecei a sentir muita raiva da minha mãe, por ela não ter feito isso comigo, por ela não ter me tido... deixa eu ver uma palavra para falar...

A - ...

B - Aí, eu liguei para ela (B. começa a chorar) , mas era o que eu podia fazer. Nesse momento... Não, falei o quanto ela tinha sido brava, tinha me podado, e assim, numa crise minha de falta de mãe. (Esta parece ter sido a tentativa mais efetiva de se separar da mãe. Ao poder colocar tudo o que sentia, pode daí,

esvaziar um pouco a intensidade de sentimentos de mágoa para com a mãe e assim, futuramente, assimilar novos significados) Aí, passou um pouquinho meu pai ligou e me recriminou e ela não teve a menor compreensão, sabe, de entender que eu devia estar num processo, e... ai, Janaína, cortei. Dois anos sem ligar Abandonei.(Foi muito doída a tentativa de se separar e, na tentativa de separação, entrar em contato com a falta. B. resolve então cortar com a mãe, mas mais no sentido de abandoná-la. Não como uma resolução da dependência afetiva, mas numa impossibilidade de entrar em contato com a falta. Como uma fuga, no tanto que, ao invés de sentir mais centrada, relata se sentir confusa, perdida. No entanto este momento torna-se uma parte importante no processo de separação) **(chora mais)** E **daí eu fiquei muito perdida** porque eu tinha.

.....(pausa para choro)

A - Você está grávida de um menino ou de uma menina?

B - Menino. Eu te confesso, eu estava com muito medo que fosse menina e o T. meu marido, ele queria muito uma menina, ele tem dois meninos e era doido para ter um a menininha, né? Mas aí, eu cortei vínculo total com a minha mãe e não queria saber e não queria *****, e eu sempre tive uma relação muito forte com o meu pai, a gente sempre se identificou muito, *****, a gente sempre teve uma coisa muito legal, e daí a gente estabeleceu, eu não cortei assim de..., eu não ia lá, eu não me sentia à vontade, aí nesse período eu me separei do *****, mas eu não perdi as meninas. Tanto é que até hoje elas têm chave da minha casa, elas moram numa chácara aqui perto, então aqui em casa é ponto delas, então elas vêm, sabe, da escola...

A - Quantos anos elas têm?

B - 17. A Taís vai fazer 18 anos agora. E assim, estão curtindo o nenen para caramba e aqui é uma outra casa que elas têm, sabe, é como se fosse a casa de uma tia que elas têm total liberdade de chegar e sair a hora que quiser. Então, eu **não tive essa perda das meninas, porque elas continuavam vindo aqui para casa e eu me apeguei muito a elas.**

A - E as suas irmãs?

B - As minhas irmãs, a gente sempre teve contato, mas as minhas irmãs são muito distantes, sabe, porque muito católicas, uma é muito católica, a outra é muito não sei o que. Sabe, a gente tem assim um contato, mas é uma coisa que não tem total... a mais nova que é a Anne é que a gente troca muito, porque ela já tem uma visão mais holística de mundo e enfim. A minha irmã, a mais velha, que é abaixo de mim, já tem filhos grandes, ou seja, os meninos dela os dois estão na faculdade, então ela já tem uma outra realidade, já vive uma outra realidade. Então eu me identifiquei muito com a Anne nesse momento, mesmo porque a Anne é muito amorosa e a Anne tem dois filhos, ela tem um menino hoje de sete anos e pelo menos a Anne sempre me compreendeu, sabe, esse lado de ter me afastado totalmente de todo mundo. Mas é tudo assim, um afastamento meio violado, sabe, a gente e falava por telefone e logo que eu me separei do *****, eu me casei com o *****, que tinha um filho adolescente na época. O Bruno estava com 16 anos, o Bruno veio morar com a gente. **Mais um filho** (risos). O Bruno veio morar com a gente e foi maravilhoso porque assim, **o meu estado de maternidade estava ali completo**. E o Bruno, melhor ainda, porque **o Bruno, o desejo dele era fazer desenho industrial, ou seja, ele estava totalmente na minha área e totalmente identificado comigo.**(Talvez B. teve em Bruno a oportunidade de realizar o desejo de ter, mesmo que aqui no papel de mãe, a relação mãe-filha que idealizava. Assim como a sua própria mãe, tinha um “filho”, a ser instruído nos estudos, uma vez que a escolha profissional deste filho era a mesma da escolha de B. No entanto, ela, agora, poderia ser não só professora como também poderia exercer uma maternidade em que carinho e amorosidade estivessem presentes.) Enfim, a gente teve uma relação, uma convivência super legal, o Bruno era assim, todas as brigas... Teve uma vez que eu quase me separei do pai dele e daí **a primeira coisa que ele falou com o pai dele foi: olha, vocês se separam, mas eu fico com a B.. Então isso é uma coisa que para mim é muito compensadora,**(como consequência do investimento afetivo B. recebe uma intensa lealdade...) porque você vê que os meninos estão... e o ***** que é esse meu marido, ele nunca me incentivou muito a me reaproximar da família, ao contrário...

A - Ele é seu atual marido?

B - Não. Pelo contrário, sabe, ele nunca incentivou a minha aproximação. E por outro lado, o ***** já é mais velho, ele é mais velho, tem uma filha que morava na Alemanha, agora mora na Holanda e o Bruno já adulto e toda vez que eu falava de filho, ele falava, mas nem pensar. E como eu também tinha muita dificuldade de fazer contato com isso também, sabe, nem pensar. Nunca evitei filho. Sempre assim, ou camisinha, quer dizer, sempre evitei, mas sempre com camisinha ou com tabela, nunca tomei um anticoncepcional na minha vida, nunca tomei um hormônio nem nada. Aí eu ficava: gente acho que eu sou estéril (podemos ver que sempre houve um desejo de ser mãe, mas, ao mesmo tempo, um medo de isto se tornar realidade), não é possível, sabe, o tempo todo meu ***** e eu nunca engravidei, sabe, nunca fiz um aborto nem nada. Aí, bom, o tempo passou e eu me separei do *****. Na verdade, o meu casamento com ele já estava muito ruim, o Bruno tinha casado, ele tinha vindo morar com a namorada dele nesse apartamento aqui e ela fazia desenho industrial e a gente tinha uma família, mas o meu casamento estava muito ruim e quando o Bruno já estava pensando em morar com a Cecília, eu conheci o T.. T. era cineasta e tinha uma produtora de cinema e ele me contratou para fazer reforma da produtora dele e a gente, sabe, curiosamente a gente ficou muito amigo, foi um cliente que a gente ficou muito amigo. A gente tinha acabado de se separar e a gente começou a conversar. E o T., a formação dele é psicólogo, mas ele trabalha na área de antropologia, ele tem um trabalho de antropologia super legal, ele trabalha muito com a questão do negro e das comunidades negras, ele tem ***** O T. é uma pessoa maravilhosa e a gente se deu super bem. Eu adorava conversar com ele e ele estava passando por um momento muito difícil também, que ele estava se separando e eu assim, querendo me separar.

Enfim, não deu outra: eu me apaixonei por ele, ele se apaixonou. Aí, eu fiquei assim, não querendo muito me envolver com ele, tinha acabado de se separar e eu sou casada, sabe, e essa coisa meio, e eu não vou me separar para ficar com ele, porque ele também, sabe... Enfim, a gente ficou nessa história mais ou menos um ano e meio, sabe, a gente se encontrava eventualmente como amigos, sabe, e a gente não conseguia separar e daí a pouco eu ia embora,

abandonava ele, ele arrumou várias namoradas, ele teve várias namoradas, aí me encontrava e falava ai... E daí foi uma coisa muito interessante, porque chegou um momento que ele falou comigo assim: olha, **B.**, não quero mais te namorar, não quero mais estar saindo com você, porque você é uma mulher casada. Acho que ele começou a se envolver muito comigo e começou a incomodar muito o fato de eu ser casada. Aí, ele falou comigo: não quero mais. E nesse momento ele estava montando um filme, e eu sou cenógrafa. Além de arquitetura eu faço um trabalho com teatro, eu sou cenógrafa e faço figurino para o teatro, aí ele falou assim: mas eu não queria perder o contato com você, queria que você fizesse a direção de arte do meu filme. Direção de arte significa você cuidar de cenografia...Eu fiz direção de arte e cenografia dos filmes dele. Aí, que é um longa metragem, que foi filmado todo aqui em Brasília e que ainda não foi lançado. Já foi filmado há três anos e ele não foi lançado.

Aí, Janaína, aí eu falei tá bom, eu vou fazer a direção de arte, só que nesse meio tempo, eu resolvi que eu queria me separar do *****. Aí, eu me separei do ***** e falei assim olha, a gente teve...não foi nem uma briga, a gente decidiu, a casa que a gente morava a dona da casa pediu a casa, a gente ia alugar uma outra casa, aí eu falei assim bom, acho que esse é o momento. Se eu quero me desvincular dele, esse é um bom momento para eu estar me separando. Aí, a gente se separou nesse momento. Aí eu liguei para o **T.** e falei: **T.**, eu não sou mais casada, agora eu posso te namorar, aí a gente começou a namorar. Aí foi muito legal porque foi nesse processo do filme, a gente começou um namoro e a gente ficou assim, sabe, além de muito amigo, namorados. E aí já sem esconder e tudo. Aí o **T.** começou a me questionar muito porque que eu com essa idade, tão amorosa, tão maternal, tão não sei o que, que tive tanto filho, nunca tinha tido um filho meu. Aí **ele começou a me puxar esse lado, né?, o contato com a minha mãe.** Aí, menina eu **comecei a entrar num processo de restabelecer um contato com a minha mãe** (Junto com a oportunidade de ter filho houve também uma abertura e um desejo de voltar a estabelecer um contato com a mãe. Até como uma convicção, como **B.** mesmo relatou atrás, de que para ser uma boa mãe, era preciso restabelecer seu vínculo com a própria mãe. Interessante que **B.** tenha

vivido sua oportunidade de ser mãe como um possível caminho para reaproximação com sua mãe. Mais a frente há mais detalhes deste processo de reaproximação na entrevista. Podemos pensar também, que a reaproximação de B. para sua mãe não excluiu a realização algum tipo de corte na relação. Aliás, o corte de dependência é necessário para uma posterior volta a mãe. Podemos pensar que a experiência da gestação foi tanto uma oportunidade de consolidar o processo de separação entre mãe e filha como uma oportunidade de estabelecimento de novas formas de interação)e isso foi uma coisa do T.. Sabe, o T. me incentivando, ele passava natal em casa, sabe, eu estar buscando estar mais com ela, a estar fazendo realmente esse resgate(Outro ponto interessante desta fala é o fato que B. atribuir este retorno à mãe como “coisa de T.. B. aceita se reaproximar da mãe a partir do questionamento e da companhia de seu companheiro. Há referências que T. é um filho que tem bom relacionamento com a mãe e com boa habilidade de fazer contato.) Aconteceu uma coisa comigo, de eu pegar o telefone e contar para ela o que estava acontecendo e passar para ela a importância.

(FIM DA 1ª PARTE DA FITA)

(INÍCIO DA 2ª PARTE DA FITA)

B - E eu achei super bacana, sabe, essa coisa de estar retornando, de estar entrando em contato com a Nossa Senhora (B. sentiu a necessidade de procurar um modelo de maternidade que lhe inspirasse. Tanto como modelo de como deve ser uma mãe, como a possibilidade de receber, mesmo que de uma forma indireta, aquilo de que se ressentia não ter recebido. Maria mãe de todos, agora inspiração e mãe de B..) e de estar entrando em contato com essa coisa, sabe, sem o preconceito da religião católica ou de nada, mas a coisa da maternidade. O T. foi fazer um documentário...

A - É um símbolo de maternidade, né?

B - É um símbolo de maternidade. Aí o T. foi fazer um documentário há três anos atrás em Belém, no Sítio de Nazaré, e aí eu, sabe, comecei a ***** devoção pela Nossa Senhora, essa coisa com Nossa Senhora e eu ***** da Nossa Senhora do Carmo, aí eu comecei a me conectar com imagens de Nossa Senhora

do Carmo e comecei a ***** num formato bem consciente e tentando resgatar a minha mãe, tentando trazer a minha mãe para perto e engravidei, no ano passado. Aí, fiquei grávida. **Eu entrei em pânico**, porque não foi uma coisa que eu estava exatamente buscando, né?. Eu já não estava mais fazendo muito controle de tabela nem nada, porque eu já estava ***** e nunca engravidei. O **T.** pirou. A hora que se viu na possibilidade de ser pai de novo e, sabe, a essa altura do campeonato, o **T.** tem 45 anos. Aí ele ficou meio perdido, eu fiquei meio perdida, mas falei assim, bom, aí aconteceu que quando, na primeira ultra -sonografia que eu fiz, não apareceu o coraçõzinho batendo, aí o médico falou...

B - É, mas aí, na segunda ecografia também não apareceu, então caracterizou uma gravidez anembrionária e que era uma gravidez que não iria adiante e que não tinha tido formação do feto e que eu já estava em processo de aborto. Aí, menina...

A - Como é que foi *****?

B - Foi a minha chance de ser mãe. Sabe, assim, ***** eu acho que eu não vou ser mãe nunca, eu acho que... Aí eu catei minha mãe e aí foi muito legal porque eu resolvi fazer o aborto (a possibilidade de enfim trazer a mãe para bem próximo ocorreu quando **B.** perdeu o primeiro filho que carregava. Quando a oportunidade de ser mãe foi insatisfeita, **B.** teve a oportunidade de ser filha e assim, como mesmo diz, resgatar sua mãe. Enquanto **B.** realizava a maternidade com seus “filhos”, havia uma distância entre ela e sua mãe. Apenas quando o filho passou a ser “verdadeiramente” seu ocorreu a reaproximação) e até então eu não participei muito, sabe, aquela coisa, atrasou a menstruação. Eu não liguei para ela. O meu contato era com a Anne, a minha irmã mais nova. Aí eu só contei para ela quando realmente eu estava grávida e não teve reação nenhuma, todo mundo sabia que eu estava muito feliz com o **T.**, apesar da gente ter um casamento que a gente não mora na mesma casa e nem é a idéia, e nem foi a idéia de estar morando na mesma casa, nem com o neném, o outro né? E daí eu fiz contato com a Anne, e aí menina? Eu falava assim gente, eu vou fazer o aborto, aí falei com o **T.:** **T., eu vou marcar esse aborto. Enquanto isso o T.: você não vai nem chamar sua mãe? Eu falei mais não precisa. Ele falava: B. presta atenção.** Ah é! Ou seja, eu trazia a

minha mãe, ou seja, ela não fazia falta na minha vida e a mãe do T. é totalmente o oposto da minha. Eu tinha mais liberdade, eu cheguei até a falar para ele assim: T. vou te falar a verdade, eu tinha muito mais vontade que a sua mãe viesse do que a minha. (Busca de referências maternas. A sogra é vista por B. como uma mãe bem mais afetiva que a sua. B. confirma isto quando diz "...admiração pela forma com que ela lida com os filhos, com os netos, sabe, a coisa da admiração, eu trouxe muito a minha sogra para o meu espaço".)E daí...

A - Você conseguia *****

B - Consigo – eu não tenho a intimidade física, a coisa do contato físico é mais difícil, a coisa, sabe, da admiração pela forma com que ela lida com os filhos, com os netos, sabe, a coisa da admiração, eu trouxe muito a minha sogra para o meu espaço.(B. buscava modelos de maternidade e assim como Nossa Senhora a sogra também virou um deles) Aí marquei o aborto com o médico, chamei minha mãe, fiz minha mãe se deslocar de lá, veio ela, veio o pai, e ela achou ótimo aquilo, sabe, não parecia que eu estava dando trabalho para ela. E aí ela me acompanhou, eles me acompanharam, foi ótimo esse contato e eu continuei num processo, sabe, mesmo contando para ela, e compartilhei muito a dor quando eu voltei do aborto, eu voltei chorando, chorando...(B. pode, após tantos anos, se fragilizar frente sua mãe e assumir o papel de filha. A experiência de aborto foi, em alguma medida, um contato com a experiência de separação, de corte entre mãe e filho. Nove meses após ter engravidado relata ter sentido falta. Uma sensação insuportável) Foi uma experiência muito difícil. Mas enfim. Naquele momento eu falei assim: não é para eu ser mãe, não é para eu ser mãe e pronto. Aí o tempo passou. O ano passado todo passou, a gente com muita dificuldade de dinheiro, porque mudança de governo, os projetos todos desapareceram, né? E eu até meio que dando Graças a Deus da gravidez não Ter ido para frente porque senão eu já ia estar pirada com essa história do dinheiro. Isso como se fosse a coisa mais importante do mundo. Aí quando foi janeiro, época que eu teria o neném, eu entrei em crise de novo. Sentia uma falta, uma coisa no coração,(há uma possibilidade de o filho de B. assim como seus outros "filhos" serem, para ela, uma forma de tentar estancar sua falta, seu vazio. Digo isto pela importância que ser

mãe teve, em toda a sua vida. E o quanto era difícil não engravidar e ter seu próprio bebê. Sua oportunidade de concretizar um vínculo de afeto entre mãe e filho. Dificuldade descrita como falta, uma coisa no coração) aí eu chamei o T.. Falei para o T....

A- *****

B - **Eu não estou aguentando.** E o T. assim, também aliviado, quer dizer, ele já tem os filhos dele, ele não precisa de filhos. Aí eu falei com ele assim: eu agora quero... aí ele me fez a seguinte pergunta: **Mas precisa ser comigo? Aí eu falei com ele: olha, aí também eu fui cruel.** Quando eu perdi, quando eu fiz o aborto, esse namorado que eu tive que era juiz, que era músico depois virou juiz, a gente sempre teve uma ligação muito legal, a gente viveu muito tempo, foram 16 anos que eu, entre brigas e outros namoros, a gente teve muito tempo de convivência e a gente ficou muito amigo. No dia que eu soube que eu tinha perdido o neném, que eu ia fazer o aborto, ele mora em Porto Velho, ele estava vindo de três pontas para Porto Velho e ele estava no aeroporto aqui em Brasília e me ligou, o T. estava viajando. Eu falei: Cleiton não acredito que você está aqui em Brasília, eu vou te encontrar agora no aeroporto. E ele estava com a mãe dele, eu gosto muito da mãe dele também. Aí quando eu estava péssima, quase morri de chorar com ele e ele falou comigo: olha, se esse teu namorado não quiser Ter um filho com você, eu topo. Porque ele também não teve filho. Eu topo. E passaram uns dois ou três meses, eu já estava de volta, bem e tudo, ele me ligou um belo dia e falou: olha, aquilo que eu te falei quando você perdeu o bebê ainda está de pé, você é a mulher com quem eu não teria o menor medo de Ter um filho, você é a mulher com quem eu gostaria de Ter um filho. Então se você estiver pensando em Ter filho é só me telefonar que a gente resolve essa história. Aí, e eu claro não contei isso para o T., não ia ficar contando esse tipo de história...

Aí quando ele me perguntou, eu respirei fundo, chamei minha Nossa Senhora e falei *****. **Eu tenho quatro formas de engravidar. Primeiro: eu rodo a bolsinha. Segundo: eu posso ir num banco, procurar meu médico, ir num banco e fazer inseminação artificial, sabe, escolher o tipo de filho que eu quero essa é minha Segunda possibilidade. A terceira possibilidade que eu vejo é a de estar**

tendo um filho com o Cleiton, que me telefonou. Aí eu contei a história. Quando eu perdi você estava viajando, ele passou aqui em Brasília e foi a pessoa que me deu apoio, que me deu suporte. Agora, a Quarta possibilidade é Ter filho com você que é a pessoa que eu amo, que eu estou junto, que a gente se dá super bem, a gente é completamente companheiro e somos mesmo, sabe? E essa é a minha opção primeira. Fora essa tem mais três. Então você vê o que você quer porque a minha decisão já está tomada. Eu vou, sabe, eu posso nem conseguir engravidar, posso nem conseguir ser mãe, mas eu quero. (T., neste momento, tornou-se para B. mais uma opção, mesmo que esta fosse a sua preferida. A divisão de ser mãe já esta tomada, mas a forma como isto de concretizará dependerá. O desejo de ser mãe, a possibilidade de conseguir viver, mesmo que agora como mãe, uma relação de intenso amor materno, faz com que o homem agora tenha importância secundária. Mais uma vez aparece, mesmo que de forma sutil, uma cisão entre a o vínculo amoroso numa relação entre homem e mulher e a relação de amor entre mãe e filho. Sendo esta última vivida como lugar da mais intensa realização afetiva) Não quero passar pela vida sem Ter no mínimo feito alguma coisa sobre isso, sabe, eu não quero entrar na menopausa e falar assim: Ah, porque eu não tentei? Então a questão é essa. Aí, menina ele ficou gago, ele não sabia o que responder ***** Eu falei quero. Ele falou: olha, por mim eu não gostaria, não quero não, mas por você vamos lá. Agarra com seus orixás e vamos embora. Aí, menina, foi muito legal, porque eu fiz um trabalho assim de limpeza, eu fiquei sete dias fazendo dieta, uma limpeza espiritual mesmo, sabe, para me deixar com bastante luz. E daí a gente, sabe, muito amoroso e sem muita expectativa de eu engravidar. Menina, vinte dias depois eu estava grávida. Foi assim, na seqüência que eu engravidei. Aí quando eu tive essa conversa com o T., eu liguei para minha mãe e contei para ela. Quer dizer, eu não contei a conversa toda, mas falei com ela, falei assim, olha mãe, eu estou tentando Ter filho, não contei para ninguém, não estou falando disso com ninguém, quero compartilhar isso com você, eu quero que você me ajude, sabe, com as suas orações, com a sua fé, quero muito Ter filho. Aí eu passei muito essa coisa do meu lado da vontade de ser mãe, eu passei para ela. (Há algo de especial em dizer para a mãe que ela quer ter um

filho)E foi impressionante porque ela virava para mim, ela falava assim: **minha filha, você vai ver como vai ser bom, como você vai mudar sua vida, como isso vai te dar uma outra dimensão, aí eu comecei a ver o lado mãe dela, ela começou a me contar o lado mãe dela**(a partir deste relato podemos pensar que a “transparência psíquica” descrita por Bydlowski (2002) característica do estado de gravidez, atinge também, em algum grau, a mãe. Neste momento a mãe de B. entra em contato com sua experiência enquanto mãe. Mais a frente veremos que isto perpassará toda a preparação da chegada do bebê.

A maternidade surge para **B.** como possibilidade de entrar em contato com a mãe, só que agora de outra forma. Não como filha, mas como mulher independente, como mãe. Contato entre mães e mulheres. A mãe de B. se revela como mãe para uma outra mãe, para uma outra mulher.

É importante não se ter a idéia que o único caminho para se independer como mulher seja pela a maternidade, pela gravidez. Mas este momento tem grande potencial para que novas construções simbólicas emergam criativamente.)

A – Como é que foi a experiência dela, né?

B – É. E filho é a coisa melhor do mundo, **o que seria de mim se não fossem vocês, sabe**, essa coisa de... E tem outra coisa, esse negócio de dinheiro, e a gente apertado de dinheiro, é besteira, a gente cria. Quando você nasceu, eu e seu pai tínhamos menos do que você sozinha tem. E é verdade *********, aí...

A – **Foi a primeira vez que você escutou algo tão amoroso...**

B – **Positivo do lado dela**

A - *******sem vocês também, né?**

B - Aí menina, **foi uma coisa assim tão especial que eu comecei**, sabe. Aí quando começou a atrasar minha menstruação, a primeira coisa que eu fiz foi ligar para ela: mãe acho que eu já estou grávida, já está atrasada. Ela, vamos não sei o que, ai, que maravilha. Daí, menina, quando veio o resultado, ela foi a primeira que ficou sabendo. E **eu, sabe, comecei a compartilhar com ela**. Menina, ela fez... Quando ficou certo que eu estava grávida, **ela, já vou começar a fazer o enxoval**. Mãe, não quero que você comece a fazer uma peça enquanto não completar três meses de gravidez. Eu já tinha perdido, estava, sabe, gata escaldada, né? Aí ela

falou assim, então na hora que for para começar você me fala, olha, Janaína, ela esteve aqui tem um mês e meio, dois meses, ela trouxe o enxoval do bebê inteirinho, inteirinho, eu vou te mostrar, ela pegou as coisas das minhas irmãs, as roupinhas de quando a gente era pequena, ela bordou, ela adora bordar (também é para a mãe de B. uma possibilidade de reviver a maternidade. De recontar ao lado da filha a maternidade. {roupinhas das filhas para o neto, berço que foi de um de seus filhos, cestinho da minha irmã})

A – Ela reuniu toda a experiência de maternidade dela para você*****

B - E assim, das minhas irmãs. Sabe, essa coisa, o berço que está, que foi um berço que quando ela estava grávida do meu irmão eu estava na faculdade. Eu desenhei o berço do meu irmão. Vamos lá que eu quero te mostrar. Eu que desenhei.

A - ***** então ela veio aqui?

B – Ah, ela veio. Ela ficou três dias, veio trazer o enxovalzinho e daí menina, o quartinho eu estou colocando papel de parede agora essa semana.

A – Ai, que gracinha...

B – Ah, esse cestinho é da minha irmã. Esse berço eu que desenhei para o meu irmão, tem 22 anos, eu estava no início da faculdade e ele tem uns pininhos que ele levanta e abaixa

A – É bom que quando ele ficar maior...

B – Ela trouxe tudo, mamadeira, ***** para separar bico, tampinha de vaso sanitário, coisa de curativo. Trouxe tudo. As roupinhas, olha só, ela bordou a toalhinha, todas as toalhinhas, sabe, bordadinhas, que ele que fez

A – Nossa, que cuidado, tudo no plástico...

B – Olha só, tudo bordadinho.

A – Tudo embrulhadinho

B – Tudo. E até fez questão, olha só, essas aqui são fraldinhas de... a única coisa que eu preciso é de fralda.

A – Pode fazer um chá de fralda.

B – Eu vou fazer. E ela veio e ela fez questão de colocar tudo no armário. Ela que organizou, olha.

A – Vai ficar um príncipe, hein? É gostoso demais, né?

B – É muito gostoso, né?

A – Então agora o que você está dizendo é que você está ficando mais próxima da sua mãe, né?

B – Completamente. E ela vem, ela está vindo quando estiverem faltando uns 20 dias para o neném nascer, aí ela vem. E uma das coisas que eu fiquei muito aliviada foi de o neném ser homem. Sabe, porque eu acho que daí o contato, sabe, vai desvincular essa coisa da filha, sabe, da minha relação com a mãe. Mas enfim, tá uma gravidez super tranquila e *****.

A – Você sente alguma transformação ***** mais mulher, mais feminina, grávida ou não?

B – Não. Isso é uma coisa que, até pela minha vida, pela minha estrada também, né?, É uma coisa que eu sempre tive, sabe, eu sempre ***** nesse meu lado feminino e eu sou muito yang. Eu tenho um lado muito yang, assim, de executiva, de fazer, de produção, mas ao mesmo tempo, eu também sempre fui muito mulher, sempre fui muito amorosa, sempre fui uma excelente esposa, sabe, muito dedicada ao meu marido, muito apaixonada sempre.

A - ***** equilíbrio, né?

B - É. Eu sempre tive uma relação, tanto é que todos os meus relacionamentos que eu tive, eu mantenho vínculo até hoje. E vínculo, sabe, forte. Vínculo de que, na época que eu era casada com o ***** as nossas festas de natal, a gente convidava a Raquel, aí vinha o ***** , a namorada do ***** , a mãe das meninas, sabe, então eu sempre tive essa coisa. Agora com o ***** , o aniversário do ***** esse ano eu convidei ele para vir almoçar aqui em casa, com o T. e o T. vê isso super natural. É um amigo que eu tenho, um amigo que foi meu marido e que eu não tenho mais. Não sou mais mulher dele, mas a gente ainda tem uma relação de amorosidade muito grande e que isso não tira o outro lado. Então eu consigo trabalhar muito bem essa coisa dos meus relacionamentos com os homens, né? **A** - E você está pensando em sua mãe vir quando o bebê nascer?

B - Vem, ela vem. Ela vai estar vindo uns 15, 20 dias antes de o neném nascer e vai ficar *****.

A - *****

B - Estou achando legal. Eu sei que ela não vai...tanto é que meu apartamento ele é pequeno, né? Quer dizer, em termos, ele só tem dois quartos, aí o meu pai faz questão de ir para um hotel, para ficar mais confortável e até mesmo para não ficar ouvindo choro de criança, sabe, essa coisa de... e aí eu estou achando legal, porque daí eu vou estar com uma enfermeira, uma babá à noite aqui para me ajudar.

A - À noite é a pior parte. Para mim foi a pior parte de ter filho. É dormir, porque ***** , mas isso também não é regra *****

B - E daí, mas enfim. Eu estou me organizando aqui porque aí eu deixo uma enfermeira, uma babá, né? Não quero uma enfermeira, quero uma babá, uma pessoa que acorde de noite, que *****.

A - Eu acho que vai ser um bom *****

B - Aí a minha mãe, mais assim, para ficar comigo durante o dia, para vir para cá, até mesmo para dar uma folguinha para a babá, para ela dormir durante o dia, para ela não cansar muito. Então a gente assume durante o dia e deixa o mais pesado para ela durante a noite.

A - Sua mãe é de uma geração que as mães participavam, as avós participavam bastante ***** . Eu acho que você vai ganhar bastante. Hoje em dia isso não é valorizado. E por outro lado, você mostra para sua mãe que você tem disponibilidade dela vir aqui também não é muito comum. Mas realmente acho que é um momento para a gente muitas vezes se fragiliza um pouco, é muita novidade, né?

B - Minha sogra também está vindo, o que eu estou achando muito bom. Ela me ligou essa semana perguntando ah, B., você quer que eu vá? Eu claro que eu quero, claro que eu quero. Eu acho muito legal ela conhecer, ela não conhece minha mãe. Elas não se conhecem ainda.

A - B., como é que ficou para você essas frustrações da sua maternidade? Como é que hoje você vê isso? O fato de a sua mãe ter sido tão rígida com você, de ter

tirado o carinho e o contato físico e o amor que você gostaria? Como é que você vê isso hoje?

B - É. Isso é uma coisa que eu tenho pensado muito para tentar entender como é que eu vou estar trabalhando com o meu neném, né?(o bebê é uma situação de risco, no sentido que expressa todas aquelas frustração, mas também se revela como uma possibilidade de fazer diferente, agora, ao lado da mãe)

A - E nem sempre passa tanto pela razão...

B - Mas eu não tenho. Isso não é uma coisa que me preocupa muito por causa das minhas experiências anteriores, sabe, com a Susan, minha irmã, com a Raquel e com a Taís, sabe, o jeito de lidar com a maternidade é uma coisa que não tenho a menor preocupação. Eu acho que, sabe, a vinda do neném, a chegada dele, isso, sabe, como é que eu vou estar lidando com isso... claro, eu sou de uma geração e vou ter uma diferença enorme de idade dele, mas acho que você tendo esse contato amoroso, essa coisa, sabe, o que eu puder passar para ele. Quem vai ***** é meu filho. Não adianta, porque cada um é diferente, sabe, o meu contato com os meus filhos, que já passaram por mim, cada um te exige de um jeito diferente, cada um se tem um contato diferente. Essa história eu digo que quando a mãe diz que todos são iguais. Eles, sabe, não têm nível de comparação. Eu acho que isso não é mensurável, sabe, não dá para dizer eu gosto mais desse, eu gosto mais... não é isso, eles não estão em uma escala só.

A - É uma diferença mais qualitativa do que quantitativa, né?

B - É uma coisa que você, sabe, cada filho diferente você estabelece o contato de uma forma diferente, não significa que você tenha como mensurar quem é melhor, quem é pior, de quem eu gosto mais, de quem eu gosto menos.

A - ***** seu filho pode ser bastante diferente do que era a B. criança?

B - Ah, isso com certeza.

A - *****

B - Completamente. E mesmo que eu tivesse sido uma filha super bem criada, super amada, super, que eu tivesse me sentido dessa forma, eu acho que isso é uma coisa que eu não vinculo muito, o bebê com o meu processo, com a minha experiência.

A - ***** bastante amada e bem criada nesse momento, agora que ela vem para cá *****

B - Provavelmente. Isso é uma coisa que não me preocupa muito também não, sabe, eu quero é que ela esteja perto, que ela esteja exercendo o papel dela de mãe, sabe, e compreenda as funções. Que é o meu desejo maior. O que me falta é isso. Ter minha mãe ao meu lado sendo mãe. (mais uma vez a gravidez e a maternidade como uma oportunidade de se reaproxmação da mãe)

A - Bom, B., você quer falar mais alguma coisa?

B - Não...

A - Foi ótimo, adorei a sua entrevista...

Conclusão

*“...eu quero é que ela esteja perto, que ela esteja exercendo o papel dela de mãe.
(...) O que me falta é isso. Ter minha mãe do meu lado sendo mãe.”*

B.

Neste momento, considerarei alguns pontos importantes que pude perceber nos estudos, nas entrevistas e em conversas que tive com outras mulheres que recentemente viveram a experiência da gravidez. Assim como com outras pessoas que contribuíram para meu estudo, em especial, com o orientador deste trabalho, professor González Rey.

Generalizar é sempre uma tarefa difícil e ao mesmo tempo trivial, uma vez que esta é uma prática que fazemos em nosso dia-a-dia. As possibilidades de

experiências e, sobretudo, as possibilidades de significação de uma mesma vivência, do ponto de vista subjetivo, do ponto de vista histórico ou do ponto de vista cultural são potencialmente infinitas.

No entanto algo nos torna semelhantes. Nesta pesquisa, especificamente, encontramos mulheres que partilham de significativas idéias sobre o tema da maternidade. Do ponto de vista sociológico, são mulheres urbanas, de classe média e com um alto nível de escolaridade. A maioria delas já passou ou passa por um processo terapêutico (por exemplo **B.**), o que proporciona uma abertura para reflexão sobre aquelas afetividades que nos movem, mas que também, tantas vezes, nos paralisam.

Acompanhando este grupo de mulheres percebi que elas compartilham ou, no mínimo, se identificam com um tipo específico de modelo cultural de maternidade. Um dos temas mais tratados é a procura de uma maternidade mais próxima possível do “natural”. Ou seja, um parto em que a gestante tenha maior poder e consciência de seu próprio corpo com o mínimo de intervenção médicas (exceto naqueles casos de real necessidade). Principalmente, em seu momento inicial, a maternidade é valorizada em todo seu processo. Seja no parto, no pós-parto, na amamentação ou nos cuidados do bebê. Além disso, há uma procura de legitimação da conduta materna em contraparte às opiniões de terceiro, sejam eles médicos ou familiares. Outro ponto importante deste grupo é a intensa participação paterna.

No que tange o trabalho, a relação mãe-filha é vista pelas gestantes, na maior parte das vezes conscientemente, como ponto importantíssimo para a construção de sua própria capacidade de ser mãe. Este tema aparece de forma mais imediata em decisões como a presença ou não da mãe no parto e no pós-parto, na própria experiência de nascimento enquanto caracterização de como foi este parto, e como a mãe se aproxima desta nova díade enquanto avó.

A decisão de se ter ou não a mãe presente no parto é um assunto bastante comentado. De forma geral as mulheres alegam que a suas mães não seriam capazes que “suportar” assistir as filhas no momento do parto. Ou seja, não compreenderão que o parto “natural”, mesmo com todas as suas vivências, por

dolorosas que sejam, ainda assim é desejado. Segundo as gestantes, suas mães, ao não suportarem o “sofrimento” das filhas, teriam a iniciativa de intervir no parto ao proporem um parto “passivo” (cesariana). É fácil pensarmos que outras coisas perpassam a decisão de não se ter a mãe no parto. O parto genital necessita que uma disponibilidade para exposição do corpo, da sexualidade e da dor⁸.

Outro aspecto colocado no grupo a especial necessidade que a gestante tem de ser maternada após dar a luz. Seja pela mãe, seja, muitas vezes, pelo próprio marido. No entanto fala-se pouco sobre esta necessidade ainda no contexto da gravidez, em especial no segundo e terceiro trimestre, no qual o bebê passa a ser então sentido pela mãe.

No decorrer deste trabalho pude constatar que a gravidez se configura como uma possibilidade de reaproximação e de reformulação do vínculo existente entre mãe e filha. A possibilidade de reaproximação se torna possível após uma separação ou rompimento. A teoria encontra respaldo nos relatos que colhi, em especial de B., no sentido de que, quanto mais intensa for a relação mãe-filha mais dolorido e radical será o corte. Seguindo os mesmos traços de uma relação passional. No caso de **B.** o corte foi mais bruscamente realizado quando esta fala de forma muito crua para a mãe todos seus ressentimentos.

No entanto nem todas as gestantes que entrevistei haviam concretizado este corte. Sendo assim, percebi duas possibilidades para esta relação no período da gravidez: a de uma reaproximação ou a de separação; sendo que esta última pode se estender até a fase de reaproximação. Isto porque, parece não haver a opção de indiferença às questões maternas. Mesmo para aquela gestante que tem sua mãe já falecida, a afetividade investida na mãe ganha força na medida em que a mulher progride na gestação e passa pelo pós-parto.

A mulher grávida, assim com esclarece a teoria de Bydlowski, tem um acesso facilitado às recordações de sua infância no período gestacional. Este movimento tem relevância ímpar no investimento e na assertividade materna para com as necessidades e demandas de seu bebê. Nesta “regressão” normal, refletidos em comportamentos como, desconcentração, recolhimento, maior

⁸ Este tema é trazido pela autora Balaskas (1993), livro bastante lido por este grupo de mulheres.

conexão e intensidade com os próprios sentimentos, a nova mãe deve ser acolhida. É comum que ela espere que este acolhimento seja, em maior ou em menor grau, realizado pela mãe. Mesmo para aquelas que vivem com muita intensidade um distanciamento materno, a gravidez traz consigo um momento de intensa ambivalência em relação a mãe.

Em excessão às duas saídas descritas anteriormente, constatei um caso no pós-parto no qual percebi que a filha mantinha sua relação com a mãe, mesmo que insatisfatoriamente, com poucas alterações. Não conseguindo se legitimar como mãe e mulher independente. Nesta situação percebi quem, assim como em casos de gravidez na adolescência⁹, há um acesso facilitado para avó ocupar, às vezes de forma bastante explícita, o papel de mãe do neto, cabendo a ela o lugar do saber da maternidade. Especificamente nesta experiência, a entrevistada, nem mesmo durante a entrevista, se afastou da mãe. Só elogios foram atribuídos a esta relação. Todas as dificuldades ficaram, em seu relato, presas ao passado. O interessante é que esta mãe estava com pouquíssimos dias de pós-parto e, no entanto, disse a mim o quanto era importante para ela falar sobre sua mãe. Pude perceber durante a entrevista algum tipo de mal-estar, como se a entrevistada não conseguisse dizer o que necessitava.

No caso de B. vemos como o corte é um movimento de saúde que mais tarde promove frutos, tanto para filha como para a mãe. Quando uma desvinculação é feita a tempo, mãe e filha tem a oportunidade, no contexto da gravidez da filha, de recontar sua história. Só que agora a dinâmica relacional permite um nível maior de fluidez. De forma que seja possível então reformulações tanto para esta relação como para a expressão autêntica de suas identidades como mulheres.

Nos casos em que a gestação surge como momento decisivo para o afastamento, torna-se fundamental algum tipo de apoio à gestante. A psicologia pode ter papel fundamental. Assim como descreve a teoria psicanalítica, a mulher se constituirá como um sujeito diferenciado quando puder aceitar sua falta e se estruturar nela. Ela deve desenvolver formas de preservar o lugar da falta, mesmo

⁹Carter e McGoldrick (1995).

que isto seja quase insuportável; B. descreve esta experiência como uma intensa sensação de vazio. Sem a falta a mulher não tem acesso ao seus desejos, fica presa numa existência dependente. Lugar indiferenciado entre sua existência e o desejo do Outro. Dolorosamente, a grávida acaba por ter que contactar sua falta e se fortalecer afetivamente como fonte de afeto para seu bebê.

Resumindo, a gestação coloca-se na paradoxalidade entre a iminente ascensão da mulher ao papel de mãe e o contato desta com a posição de filha. No momento que torna-se mãe, torna-se filha. Toda esta transformação da relação mãe-filha traz consigo a necessidade do rompimento de relações demasiadamente intensas. De modo geral constatei que esta intensidade, assim mostra a teoria, são muito comuns nas relações de mãe e filha. A gravidez assume papel de destaque uma vez que sua vivência tem potencial propiciador de saudáveis mudanças na vida da mulher. A criança traz à mãe o contato, não só com a experiência de ser mãe, mas também desperta nesta sua identidade enquanto mulher.

Referências Bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980.

BALASKAS, Janet. Parto Ativo: guia prático para o parto natural. São Paulo, Editora Ground, 1993.

BYDLOWSKI, Monique. O Olhar Interior da Mulher Grávida: Transparência Psíquica e Representação do Objeto Interno. Novos Olhares sobre a Gestação e a Criança até os 3 anos. Brasília, L.G.E. 2002.

CARTER, Betty ; MCGOLDRICK, Monica. As Mudanças no Ciclo de Vida Família: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1995.

CHODOROW, Nancy. Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher. Ed. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro, 1990.

DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre, Artes Médica, 1995.

FREUD, Sigmoud. Sexualidade Feminina. ESB. Rio de Janeiro, Editora Imago, Vol. XXI, 1994.

FREUD, Sigmund. O Caso Schreber: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides). Rio de Janeiro, Editora Imago, 1998.

GONZÁLES REY, Fernando Luis. Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e Desafios. São Paulo, Editora Thomson, 2000.

HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 1997.

SILVA, Tomaz. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Editora Vozes, 2000.

SZEJER, Míriam. Uma Abordagem Psicanalítica da Gravidez e do Nascimento. Novos Olhares sobre a Gestação e a Criança até os 3 anos . Brasília, L.G.E.

ZALCBERG, Malvine. A Relação Mãe e Filha. Rio de Janeiro, Campus, 2003.

Anexo



Instrumento metodológico: Completamento de Frases.

Nome: _____ Data: _____
Idade gestacional: _____ Período do pós-parto: _____

* Complete as frases abaixo com a primeira idéia ou palavras que lhe vierem à mente:

1. O tempo mais feliz... _____
2. Lamento... _____
3. Meu maior medo... _____
4. Não posso... _____
5. Sofro... _____

6. Fracasso..._____
7. Meu futuro..._____
8. Neste momento..._____
9. A preocupação principal..._____
10. Meu principal problema..._____
11. O trabalho..._____
12. Amo..._____
13. Eu prefiro..._____
14. Eu secretamente..._____
15. A felicidade... _____
16. Considero que posso... _____
17. Me esforço diariamente... _____
18. É difícil... _____
19. Meu maior desejo... _____
20. Sempre quis... _____
21. Eu gosto muito... _____
22. Eu freqüentemente reflito... _____
23. Meu maior tempo dedico... _____
24. Freqüentemente sinto... _____
25. O passado... _____
26. As contradições.... _____
27. Penso que os outros... _____
28. Me aborrece... _____
29. O sexo... _____
30. Meu maior prazer... _____
31. Odeio... _____

32. Quando estou sozinha... _____
33. A gravidez... _____
34. Nascer... _____
35. Minha mãe... _____
36. Eu filha... _____
37. Minha mãe é uma mulher... _____
38. Desejo que minha mãe... _____
39. Estar com a minha mãe... _____
40. Percebo que meu irmão(ã)... _____
41. Meu pai... _____
42. Me falta... _____
43. Ser mãe... _____
44. Ser mulher... _____
45. Para ser mulher é preciso... _____